



MARINA CAVALCANTE MARTINS PEREIRA

**TERRORISMO E CONTRATERRORISMO: ANÁLISE SOBRE A
ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO DE XANGAI.**

João Pessoa

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

MARINA CAVALCANTE MARTINS PEREIRA

**TERRORISMO E CONTRATERRORISMO: ANÁLISE SOBRE A
ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO DE XANGAI.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a conclusão do
Curso de Graduação em Relações
Internacionais da Universidade Federal da
Paraíba.

Orientador: Prof. Augusto Teixeira

João Pessoa

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C376t Cavalcante Martins Pereira, Marina.

Terrorismo E Contraterrorismo: Análise Sobre A
Organização De Cooperação de Xangai / Marina Cavalcante
Martins Pereira. – João Pessoa, 2017.
79f.: il.

Orientador(a): Profº Dr. Augusto Wagner Menezes Teixeira Junior.
Trabalho de Conclusão de Curso (Relações
Internacionais) – UFPB/CCSA.

1. Terrorismo. 2. Contraterrorismo. 3. Organização de
Cooperação de Xangai. 4. Terrorismo na Ásia Central. I. Título.

UFPB/CCSA/BS

CDU:327(043.2)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES
INTERNACIONAIS**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova, com nota 9,5, o Trabalho de
Conclusão de Curso

*“Terrorismo e Contraterrorismo: Análise sobre a Organização de Cooperação
de Xangai”*

Elaborado por

Marina Cavalcante Martins Pereira


Como requisito parcial para a obtenção do grau de

Bacharel em Relações Internacionais.

COMISSÃO EXAMINADORA


Prof. Dr. Augusto Wagner Menezes Teixeira Junior - UFPB


Prof. Dr. Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat Ferreira - UFPB


Prof. Dr. Alexandre César Cunha Leite - UEPB

João Pessoa, 28 de novembro de 2017.

RESUMO

O terrorismo e contraterrorismo não são assuntos novos dentro agenda de política de segurança e defesa. Extremistas políticos, em várias partes do mundo têm atacado passageiros de aviões, colocado bombas em prédios de governos e escritórios de empresas multinacionais, em bares, sequestrado aviões, mantido centenas de pessoas como reféns, atacado embaixadas, sequestrado oficiais dos governos, diplomatas e executivos, entre outras ações. Isso fez com que governos, pelo mundo todo, passassem a investir bilhões de dólares em gastos com medidas defensivas, com objetivo de fortalecer as políticas contra terroristas e garantir maior segurança de suas fronteiras.

A região da Ásia Central tem se mostrando estratégica, dentro da formulação das políticas de contraterrorismo, por diversos países pelo mundo. É dentro de um contexto internacional focado cada vez mais em segurança e com as nações percebendo que projetos de coalizões regionais geram maiores benefícios dentro de um sistema cada vez mais globalizado, que a Organização de Cooperação de Xangai (OCX) surge.

O presente trabalho aborda tais questões e mostra qual papel a Organização de Cooperação de Xangai dentro dessas questões e quais as medidas que tal organização toma dentro do seu contexto regional e internacionalmente.

ABSTRACT

Terrorism and counterterrorism are not new issues within the security and defense policy agenda. Political extremists in various parts of the world have attacked passengers of airplanes, placed bombs on government buildings and offices of multinational companies, in bars, hijacked planes, held hundreds of people as hostages, wholesale embassies, abducted government officials, diplomats and executives, among other actions. This caused governments worldwide, to begin to invest billions of dollars in spending on defensive measures, in order to strengthen policies against terrorists and ensure greater security of its borders.

The Central Asia's region has shown to be strategic, within the formulation of counterterrorism policies, by various countries around the world. It is within an international context increasingly focused on security and with nations realizing that regional coalition projects generate greater benefits within an increasingly globalized system that the Shanghai Cooperation Organization (SCO) emerges.

The present paper addresses such issues and shows the role of the Shanghai Cooperation Organization within these issues – about terrorism, with especial focus on Central Asia – and which measures the organization takes in its regional and international context.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
1. TERRORISMO E SUAS DEFINIÇÕES	4
1.1. TERRORISMO NOS PAÍSES MEMBROS DA ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO DE XANGAI.....	8
1.1.1. A QUESTÃO AFEGÃ.....	9
1.1.2. TERRORISMO NA ÁSIA CENTRAL	14
1.1.3. O CASO CHECHÊNIA	25
2. ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO DE XANGAI (OCX)	29
2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO DE XANGAI ..	30
3. MEDIDAS DE CONTRATERRORISMO DA ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO DE XANGAI.....	45
3.1. CONTRATERRORISMO	45
3.2. ESTRUTURAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO DE XANGAI E SUAS MEDIDAS DE CONTRATERRORISMO	48
4. CONCLUSÃO	64
REFERENCIAS	66

AGRADECIMENTOS

Primeiramente aos meus pais, Francisca Cavalcante e Pedro Pereira e, a minha irmã, Marianne Cavalcante, pelo amor, incentivo e apoio incondicional durante toda a jornada que foi o período da Graduação em Relações Internacionais.

Aos “Internacionalisos”, apelido carinhoso dado ao meu grupo de amigos que foram fundamentais nesse processo - Armstrong Pereira, Bruna Santos, Rafael Valentim e Mayrlon Carlos, que transformaram esse longo processo de graduação em algo mais leve e divertido. Agradeço também, de forma especial, a Sarah Aguiar – uma amiga especial que me ajudou de diversas formas e em diversas ocasiões, serei eternamente grata. Agradeço a Caio Ponce de Leon – um lindo presente que ganhei durante este processo. Obrigada por tudo, sem vocês eu não teria chegado com o mesmo estímulo à esta etapa final.

Ao meu Professor Orientador, Augusto Teixeira, pelo incentivo e paciência durante toda a jornada que é a formulação de um Trabalho de Conclusão de Curso.

E, por fim, mas não menos importante, agradeço a Deus, por tudo.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre o terrorismo parecem ter aumentado de forma significativa nas últimas décadas. O terrorismo tornou-se objeto de estudo das relações internacionais onde os grupos ou organizações terroristas passaram a constituir uma das principais ameaças de guerra enfrentada pela comunidade internacional (SINAI, 2008).

O terrorismo e contraterrorismo não são assuntos novos dentro agenda de política de segurança e defesa. Extremistas políticos, em várias partes do mundo, têm atacado passageiros de aviões, colocado bombas em prédios de governos e escritórios de empresas multinacionais, em bares, sequestrado aviões, mantido centenas de pessoas como reféns, atacado embaixadas, sequestrado oficiais dos governos, diplomatas e executivos, entre outras ações. Isso fez com que governos, pelo mundo todo, passassem a investir bilhões de dólares em gastos com medidas defensivas, com objetivo de fortalecer as políticas contra terroristas e garantir maior segurança de suas fronteiras (SANDLER, 2010).

A partir dos ataques de 11 de setembro¹ nos EUA tal questão passa a ser prioridade em muitos países e organizações mundiais, já que foi a primeira vez que os terroristas colocaram em prática operações com tamanha coordenação de ataque, mostrando um nível de planejamento, profissionalismo e *tradeecraft* raramente visto por atores ~~que~~ não estatais (HOFFMAN, 2001).

Devido ao alcance mundial da Al Qaeda – mostrado no ataque à Washington e Nova York - e suas afiliadas, com surgimento de grupos e células, inspiradas na Al Qaeda, nas principais regiões do mundo - como por exemplo na Europa Ocidental, América do Norte e outros lugares - muitas nações buscaram aprimorar suas defesas de segurança interna convidando acadêmicos a desenvolverem análises tanto da natureza e magnitude da ameaça, como também formas de combatê-la (SINAI, 2008).

O tema do Terrorismo e Contraterrorismo tem crescido dentro da política internacional de forma progressiva e intensa. Praticamente diariamente há relatos de atos terroristas pelo mundo e também de medidas de contraterrorismo tomadas pelas principais nações. A questão sobre o terrorismo tem influenciado de forma direta agendas políticas e de cooperações entre as nações.

¹ O atentado de 11 de setembro de 2001 foi o ataque sofrido pelos EUA, durante o governo de George W. Bush, em seus principais símbolos econômicos e políticos (World Trade Center e Pentágono). A autoria do ataque foi atribuída ao grupo terrorista Al Qaeda.

O terrorismo na região da Ásia Central não é algo novo. Esta região já sofria com incidentes terroristas muito antes que os países Ocidentais. A problemática do surgimento e aumento de células terroristas na Ásia Central acabou sendo estimulada, em certos aspectos, pela forte presença do tráfico de drogas e produtos ilícitos na região.

O Afeganistão, por exemplo, que é um dos principais caminhos de conexão logística terrestre entre a Europa e a Ásia (RIBEIRO, 2015), abriga muitas das ameaças à segurança regional como a questão do terrorismo e do narcotráfico (NORLING, 2007).

Já o caso Chechênia foi um dos mais emblemáticos casos em que a Rússia teve que lidar com o terrorismo onde, após o desmantelamento da União Soviética, uma forte onda separatista tomou conta da Chechênia, os separatistas exigiam total autonomia e independência em relação à Federação Russa (MALIAPATRA, 2005).

A região da Ásia Central tem se mostrando estratégica, dentro da formulação das políticas de contraterrorismo, por diversos países pelo mundo. É dentro de um contexto internacional focado cada vez mais em segurança e com as nações percebendo que projetos de coalizões regionais geram maiores benefícios dentro de um sistema cada vez mais globalizado, que a Organização de Cooperação de Xangai (OCX) surge.

Originalmente organizada como Shanghai Five (1996) (ALBERT, 2015), um fórum de confiança para a desmilitarização das fronteiras, a Organização é ampliada em 2001 passando a incluir como uma das principais metas o aumento da cooperação militar e de contraterrorismo, a partilha de informações entre seus países membros - China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão e Uzbequistão e dois países aderentes, a Índia e Paquistão. A evolução da OCX em uma organização completa de segurança e resolução de conflitos é importante, porque não há nenhuma outra organização que lide com problemas de segurança dentro da Ásia Central (BAIZAKOVA, 2013).

É dentro desse contexto que o presente trabalho lança a seguinte pergunta problema: Qual é o papel da Organização de Cooperação de Xangai no combate ao terrorismo na região da Ásia Central? O presente trabalho possui como objetivo principal elaborar um estudo descritivo sobre as políticas de combate ao Terrorismo adotadas pela Organização de Cooperação de Xangai, de 2001 até atualmente.

Escolheu-se então, dividir tal estudo em três partes principais. Na primeira parte será feito um levantamento sobre a temática do terrorismo e contraterrorismo, com principal enfoque na região da Ásia Central. A segunda parte se constituirá da descrição histórica da criação e desenvolvimento da OCX. E, por fim, na terceira parte, serão analisadas e descritas as políticas de contraterrorismo adotadas pela OCX, de 2001 a 2015.

Tomando, então, como norte o objetivo geral desta dissertação, pode-se estabelecer três objetivos específicos:

- A conceitualização do tema Terrorismo, através de uma revisão bibliográfica.
- Descrição da formulação Organização de Cooperação de Xangai. A forma como a organização de constitui, a sua contextualização e a sua estruturação.
- Uma análise das medidas de Contraterrorismo adotadas organização.

O tema – terrorismo e contraterrorismo - foi escolhido, entre outros motivos, por ser um fator dentro do sistema internacional que trazer consigo grande instabilidade afetando os interesses nacionais de grandes potências, como China e Rússia. Será usado como caso específico a OCX, que surge através da elaboração de políticas cooperativas e colaborativas em torno de questões como, a busca por uma estabilidade política regional, o controle e combate do terrorismo e extremismo e a busca por um ambiente regional mais estável e pacífico.

Por fim, a metodologia adotada na presente pesquisa foram as utilizações de análise de conteúdo, documental e notícias – online e físicas e revisões bibliográficas. A análise documental se deu, principalmente, através dos documentos oficiais disponibilizados pela própria organização (em seu site oficial). Documentos estes, que se encaixavam no marco temporal de 2001 até 2017. A utilização de notícias ocorreu na formulação do terceiro capítulo, na sessão sobre as medidas de contraterrorismo adotadas pela organização. E, por fim, as revisões bibliográficas aconteceram através de artigos e livros.

1. TERRORISMO E SUAS DEFINIÇÕES

A discussão sobre o terrorismo parece ter aumentado de forma significativa nos últimos anos, onde os ataques terroristas passaram a constituir uma das principais ameaças de guerra enfrentada pela comunidade internacional (SINAI, 2008). A Organização de Cooperação de Xangai (OCX), em sua “Convenção de Xangai sobre o Combate ao Terrorismo, Separatismo e Extremismo”² (2001), reconhece que “o terrorismo, o separatismo e o extremismo constituem uma ameaça para a paz e a segurança internacionais, à promoção de relações amigáveis entre os Estados, bem como o gozo dos direitos humanos e das liberdades fundamentais (...) esses fenômenos constituem uma séria ameaça à integridade territorial e à segurança das Partes [Estados Membros], bem como a sua estabilidade política, econômica e social”³ (P.01)

A frequência com que os extremistas políticos passaram a agir nas últimas décadas fez com que governos, pelo mundo todo, passassem a investir bilhões de dólares em gastos com medidas defensivas, com objetivo de fortalecer as políticas contra terroristas e garantir maior segurança de suas fronteiras (SANDLER, 2010).

Sandler (2010, p. 205), por exemplo, define terrorismo como sendo o “uso premeditado ou ameaça de uso da violência por indivíduos ou grupos subnacionais para obter um objetivo político ou social através da intimidação de uma grande audiência além das vítimas imediatas”. Ao agir de forma que parece ser aleatória, os terroristas geram uma atmosfera de medo e vulnerabilidade, estendendo assim sua esfera de influência.

Joshua Sinai, por sua vez, define terrorismo como uma forma de combate.

“O terrorismo é uma tática de guerra envolvendo violência premeditada e politicamente motivada perpetrada por grupos subnacionais ou agentes clandestinos contra qualquer cidadão de um Estado, civil ou militar, para influenciar, coagir e, se possível, causar mortes em massa e destruição física sobre seus alvos”. (SINAI, 2008, p. 11)⁴.

² The Shanghai Convention on Combating Terrorism, Separatism and Extremism (2002). Disponível em: <http://eng.sectesco.org/documents>. Acessado em 09/10/17.

³ No original: “terrorism, separatism and extremism constitute a threat to international peace and security, promotion of friendly relations among States as well as enjoyment of fundamental human rights and freedoms (...) these phenomena pose a serious threat to the territorial integrity and security of the Parties as well as their political, economic and social stability”.

⁴ No original: “Terrorism is a tactic of warfare involving premeditated, politically motivated violence perpetrated by subnational groups or clandestine agents against any citizen of a state, whether civilian or military, to influence, coerce, and, if possible, cause mass casualties and physical destruction upon their targets”.

Diante dessa falta de uma definição universal⁵, o termo terrorismo pode, muitas vezes, ser usado de forma pejorativa, sendo influenciada por pressupostos políticos e preconceitos sociais. Alguns governos, por exemplo, definem terrorismo como todo e qualquer ato de violência de seus oponentes (CORTE, 2006). Os próprios rebeldes raramente se definem como terroristas e, muitas vezes, se declaram como vítimas do terror de um determinado governo ou grupo destes. Ou seja, a definição de terrorismo depende do ponto de vista de quem o define. (JENKINS, 1974).

A partir dos ataques de 11 de setembro nos Estados Unidos, cientistas políticos, economistas e outros cientistas sociais, passaram a dedicar grande atenção para a aplicação de ferramentas teóricas nos estudos sobre o terrorismo e produzir assim ideias políticas de contraterrorismo que possam ser colocadas em prática (SANDLER, 2010). Tais ataques aos EUA se tornaram-se tão significativos devido as suas configurações únicas.

Entre as características mais significativas da operação estavam: grande ambição e dimensão, coordenação, sincronização e profissionalismo – que conseguiram manter tal operação secreta – e, também, grande dedicação e a determinação inabaláveis dos sequestradores dos aviões que dedicaram suas vidas “à causa” e pareceram não considerar as vidas de inúmeros passageiros e tripulações das quatro aeronaves e as milhares de pessoas que trabalhavam e visitavam o World Trade Center e o Pentágono. (HOFFMAN, 2001). Uma vez que os terroristas mostraram ser capazes de gerar missões suicidas, a atmosfera de medo criada em torno das suas ações aumentou de forma significativa, colocando assim, maiores pressões sobre os governos para que atendam as demandas exigidas pelos terroristas (SANDLER, 2005).

Devido ao alcance mundial que Al Qaeda – mostrado no ataque aos EUA - e suas afiliadas obtiveram e, com surgimento de grupos e células inspiradas na mesma nas principais regiões do mundo, como por exemplo na Europa Ocidental, América do Norte e outros lugares, muitas nações buscaram aprimorar suas defesas de segurança interna convidando as comunidades acadêmicas a desenvolverem análises da natureza e magnitude da ameaça, como também formas de combatê-la (SINAI, 2008). Além disso, muitos países também passaram a contar com outras nações aliadas que compartilhassem das mesmas opiniões e preocupações em relação à nova intensificação do fenômeno do terrorismo.

Os ataques terroristas podem assumir muitas formas diferentes, mas todas elas possuem o mesmo objetivo principal, o de pressionar, através de suas ações, governos até

⁵ Já que os atos e ações terroristas se modificam de acordo com os avanços tecnológicos e de informação. Eles – atos terroristas – não são estáticos, o que dificulta uma definição única para tal fenômeno.

que eles cedam às suas demandas dos terroristas. A presença de um objetivo político ou social nos ataques é essencial para que se possa ser classificado como terrorismo, porque se não há tais objetivos, os atos poderão ser classificados apenas como uma ação criminosa (SANDLER, 2010). A existência desses objetivos pode ser obscurecida, muitas vezes, pelos atos parecerem aleatórios, não destinados à um benefício para os terroristas. Mas devemos lembrar que os objetivos dos terroristas não são como os dos militares convencionais (JENKINS, 1974).

Uma plateia também faz-se necessário, já que os terroristas esperam, geralmente, que esse público pressione as suas autoridades para conceder as demandas terroristas. Os terroristas buscam, muitas vezes alcançar objetivos globais e para isso precisam atrair as atenções mundiais às suas causas. Um exemplo disso, foram os ataques suicidas do Hezbollah contra alvos israelenses, entre 1983 a 1985, que resultaram na pressão da população israelense pela retirada das tropas de seu governo do Líbano. (SANDLER, 2010). É necessário, para que se entenda a questão do terrorismo, que seja feita uma distinção entre o terrorismo transnacional (ou internacional) e o terrorismo doméstico – para tal dissertação será focado o terrorismo transnacional.

No terrorismo doméstico, o próprio nome já o define, é uma questão interna, onde as próprias instituições, cidadãos, propriedades e políticas do país são afetadas. Neste tipo de terrorismo as exigências se concentram internamente. Pode ser a mudança de governos, não adoção de terminadas políticas, entre outras coisas. No terrorismo interno, os três principais participantes, os terroristas, as vítimas e o público, são todos nacionais, não há nenhum alvo estrangeiro. Pode-se ~~mes~~ citar como exemplo deste tipo de terrorismo os Tigre Tamil no Sri Lanka e os grupos de esquerda na Europa (brigadas vermelhas italianas e a facção do Exército Vermelho) (SANDLER, 2010).

O terrorismo é transnacional ou internacional quando, em um país, os ataques envolvem vítimas, instituições ou até mesmo, terroristas, de outros países. Se, por exemplo, um incidente se inicia em um país, mas termina ou afeta outro, este pode ser considerado um acontecimento transnacional. É o caso dos ataques de 11 de setembro nos Estados Unidos, onde vítimas e empresas de vários outros países foram afetados (SANDLER, 2010).

Pode-se ~~mes~~ considerar terrorismo internacional também, quando o comando e o controle de determinados grupos terroristas ou o seu recrutamento, treinamento, operações ativas e o público-alvo, estão localizados em diferentes países (BRUCE, 2013). Neste caso, as medidas de contraterrorismo que devem ser adotadas, precisam contar com a cooperação e coordenação de diferentes nações para que sejam eficazes.

Segundo Jenjins (1974) em seu artigo “International Terrorism: A New Kind Of Warfare”, o terrorismo é sempre enredado fora do sistema atacando, no caso do terrorismo internacional, as regras básicas da ordem internacional, já que os terroristas dependem da pressão internacional que seus atos geram para alcançar seus objetivos políticos.

Como já foi mencionado no começo deste capítulo, os ataques de 11 de setembro nos Estados Unidos marcaram um ponto de rápidas mudanças dentro das agendas de segurança. As reações a esses eventos precisavam ter as mesmas proporções das novas ameaças trazidas pelo terrorismo transnacional. Dentro de um contexto de rápida evolução, as fronteiras nacionais passaram a ficar desfocadas e conceitos-chaves, como guerra, ameaça, liberdade e segurança, por exemplo, precisaram ser redefinidos (HUYSMANS e TSOUKALA, 2008).

As decisões sobre políticas de contraterrorismo a serem adotadas pelas nações geralmente ocorrem dentro de um ambiente de grande incerteza, onde as informações sobre determinadas organizações terroristas recolhidas são raramente completas (JENSEN, 2016). A prevenção a ataques terroristas exige que a comunidade de inteligência obtenha, antes de tomar uma determinada ação, informações tanto de cunho analítico – para que se possa entender o inimigo – quanto de cunho operacional – para que possa eliminar qualquer ameaça (ROSENBACH, 2008).

Nesse sentido, as políticas de contraterrorismo podem seguir dois caminhos diferentes. Os Estados podem agir com uma política de preempção, de forma direta contra os terroristas ou seus patrocinadores, para conter futuras campanhas terroristas subsequentes ou um ataque específico. A política de preempção pode envolver retaliações contra patrocinadores dos terroristas, destruição de campos de treinamento, congelamentos de ativos terroristas, erguimento de barreiras tecnológicas, proteção de fronteiras, dissuasão de alvos potenciais, entre outras medidas (SANDLER, 2005).

Segundo Sandler (2005), as políticas de preempção apresentam pontos negativos. Elas podem acabar redirecionando o ataque para alvos ou regiões mais vulneráveis e, pontos positivos, onde elas podem trazer maiores benefícios públicos por evitar o uso da força de fato. Outro caminho que as políticas de contraterrorismo podem tomar, é o da dissuasão, onde o governo busca dissuadir um possível ataque mostrando para determinado autor da ação terrorista que as consequências negativas serão muito maiores que os benefícios. Os esforços para dissuadir eventos terroristas, porém, também podem, muitas vezes, deslocar o ataque a outros locais.

Sandler (2005) nos mostra que muitos países acabam aderindo mais às políticas de dissuasão do que às de preempção, por estas trazem maiores ganhos sociais pelo menor uso de força. O autor ressalta que muitos países que escolhem pela preempção acabam atraindo ataques terroristas ao invés de evitá-los. Este é o caso, por exemplo, de países como Israel e Estados Unidos.

Quando se lida com terrorismo transnacional, os países podem acabar tomando medidas mais proativas porque querem evitar que facções internacionais interfiram em seus interesses domésticos. No entanto, a natureza cada vez mais transnacional do terrorismo contemporâneo acaba conduzindo a uma proximidade das distinções entre a defesa dos interesses nacionais no estrangeiro e os próprios interesses domésticos, exigindo assim uma nova conceitualização da luta contra o terrorismo e da segurança interna (SINAI, 2008).

É dentro deste contexto globalizado, em todas as esferas internacionais, que a Organização de Cooperação de Xangai surge. Essa organização origina-se como resultado da união de oito países - China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão e Uzbequistão e dois países aderentes, a Índia e Paquistão -, todos localizados na Ásia Central, que já sofreram e ainda sofrem com a significativa ameaça do terrorismo na região. Tais países buscam, através da organização, fortalecer suas respostas de Contraterrorismo na região, tema este que será melhor apresentado nos próximos capítulos desta dissertação.

1.1. TERRORISMO NOS PAÍSES MEMBROS DA ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO DE XANGAI

Até os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 – como já foi mencionado acima representaram um marco nas políticas de Contraterrorismo –, os ataques terroristas ocorridos na Ásia Central recebiam pouca atenção internacional, apesar de ser considerada uma região relativamente estratégica dentro da temática econômica – principalmente no que concerne questões energéticas. Tais ataques terroristas mudaram o contexto geoestratégico na região que passou a chamar a atenção mundial sobre questões de segurança, tanto regional como internacionalmente.

Após tais ataques, os Estados Unidos declaram ao mundo a Guerra Global ao Terror (Global War on Terrorism - GWOT). A GWOT foi anunciada pelo presidente norte-americano George W. Bush e consistia na invasão, principalmente, do Iraque e do Afeganistão sob o argumento de que tais países, além de financiar e apoiar organizações terroristas, possuíam armas de destruição em massa e visavam a construção de usinas

nucleares (ALJUNIED, 2011). Nesse contexto ressaltou-se o princípio central da soberania nacional e a natureza da segurança nacional, assim os Estados buscaram ampliar e reforçar sua segurança e inteligência domésticas visando a antecipação qualquer ameaça terrorista.

A atual presença nos EUA na região é um fenômeno relativamente novo. Ao longo da década de 1990, os tomadores de políticas em Washington apenas prestaram atenção esporádica à Ásia Central e ao Cáucaso. (...) O interesse do governo dos EUA nesta parte do mundo, no entanto, mudou desde o 11 de setembro. Com início no final de 2001, como parte de sua campanha contra os talibãs no Afeganistão, os Estados Unidos codificaram acordos de base militares com o Uzbequistão e o Quirguistão, estabeleceram formas de lidar com o Cazaquistão para os direitos de sobrevoo e transbordo do material, e adquiriu o uso de contingência do aeroporto nacional em Dushanbe, no Tajiquistão. (BERMAN, 2004. Pág. 60)⁶.

O lançamento dessas operações norte americanas de combate no Afeganistão e a presença de suas tropas em vários países da Ásia Central⁷ chamaram a atenção dos países nesta região – entre eles Rússia, China, Índia e Paquistão – para a necessidade de uma cooperação conjunta tanto em termos econômicos, quanto em termos militares para combater ameaças de forças difusas dentro da Ásia Central. Segundo Ebon Lee (2006), a Rússia, por exemplo, se apoderou da crescente onda de terror, que surgia na região, para restabelecer e expandir a sua presença e influencia na mesma.

1.1.1. A QUESTÃO AFEGÃ

O Afeganistão, apesar de não ser um país de grandes proporções territoriais ou populacionais, carrega um caráter simbólico, geopolítico e geoestratégico central para a região da Eurásia. Um dos motivos para isso, por exemplo, é que o país é um dos principais caminhos de conexão logística terrestre entre a Europa e a Ásia (RIBEIRO, 2015). Outro

⁶ No original: “The current U.S. presence in the region is a relatively new phenomenon. Throughout the 1990s, policymakers in Washington paid only sporadic attention to Central Asia and the Caucasus (...) The U.S. government’s interest in this part of the world, however, has changed since September 11. Beginning in late 2001, as part of its campaign against the Taliban in Afghanistan, the United States codified military basing agreements with Uzbekistan and Kyrgyzstan, hammered out a deal with Kazakhstan for overflight rights and materiel transshipments, and acquired contingency use of the national airport in Dushanbe, Tajikistan.

⁷ A dissolução da União Soviética (1991) resultou no surgimento de oito novos Estados posicionados entre norte do Oriente Médio, a região do Golfo Pérsico, a oeste da China e ao sul da Rússia. Geórgia, Armênia, Azerbaijão, Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Turquemenistão e Uzbequistão, onde os três primeiros estão situados na chamada ‘periferia europeia’ (OLIKER e SZAYNA, 2003) e os outros cinco, na chama Ásia Central.

motivo é que o país abriga muitas das ameaças à segurança regional como a questão do terrorismo e do narcotráfico que emanam do Afeganistão (NORLING, 2007).

Durante o século passado, a União Soviética dominou o cenário político do que hoje é conhecido como Ásia Central e o Cáucaso. Com o fim da Guerra Fria esse cenário muda (BERMAN, 2004). A desintegração do regime soviético forneceu cerca abertura para a expansão de expressões culturais e religiosas. Neste contexto surgiram vários grupos políticos radicais islâmicos que defendiam a islamização dos Estados na região e a implementação das leis islâmicas (AKBARZADEH, 2004).

Uma das principais mudanças políticas regionais que ocorreram neste período foram a consolidação de Estados independentes na Rússia, no Cazaquistão, no Quirguistão e no Tajiquistão. Para tais países e outros pertencentes à região da Ásia Central, o renascimento regional dependia da criação de um ambiente externo estável e pacífico. Uma das maneiras que tais Estados encontraram de buscar esta estabilização foi através do incentivo à cooperação multilateral em assuntos que afetavam toda a região e uma das principais ameaças regionais era a situação afegã (BAIZAKOVA, 2013).



Figura 1 – Mapa do Afeganistão. Fonte: Guia do Afeganistão⁸. (2017)

Tantos os países da Ásia Central, como outros na região – como Rússia, China, Índia, Paquistão e Irã – notavam a crescente ameaça regional que emanava da instabilidade afegã,

⁸ Disponível em: <http://www.afeganistao.net/>. Acessado em 17/11/17.

onde uma guerra civil havia surgido entre a Coalizão do Norte e o Talibã. O Afeganistão observou, nos últimos três anos, uma dramática deterioração da sua segurança. Após intensos combates ao longo de 2015, o governo afegão perdeu controle de cerca de 30% de seu território, onde os talibãs assumiram o controle de mais regiões do que foi notado desde 2001. Dentro do território afegão há oito províncias localizadas no Nordeste, Norte e Ocidental que fazem fronteiras diretas com três estados da Ásia Central - Tajiquistão, Turquemenistão e Uzbequistão. Todos esses países experimentam crescente insegurança nos últimos anos (SAFRANCHUK, 2017).



Figura 2 – Mapa da Região do Afeganistão de acordo com a Distribuição de Etnias no País. Fonte: Diário da Liberdade: 11/9 e o insolucionável drama afegão. (2017)⁹

Os conflitos sociais, econômicos e demográficos presentes no Afeganistão ameaçam desestabilizar a situação geopolítica regional. A região afegã tem um significado importante em termos de segurança e estabilidade regional, porque muitas dessas ameaças sobre terrorismo, extremismo religioso, tráfico de drogas e migração ilegal são originárias no país. A guerra no Afeganistão representa um grande obstáculo ao desenvolvimento da cooperação econômica regional (BAIZAKOVA, 2013).

⁹ Disponível em: <https://gz.diarioliberalidade.org/mundo/item/190454-11-9-e-o-insolucionavel-drama-afegao11-9-e-o-insolucionavel-drama-afegao.html>. Acessado em 17/11/16.

Após os ataques terroristas ocorridos nos em Nova York e Washington, os Estados Unidos lançaram sua campanha contra o terror ao mundo e intensificou sua presença militar na região da Ásia Central como parte da sua campanha contra grupos terroristas, em especial, no Afeganistão, contra os talibãs. O país foi o primeiro escolhido para a ação militar exemplar, seguido (em 2003) pelo Iraque de Saddam Hussein (RIBEIRO, 2015).

A presença da coalização Ocidental na região, junto a as ameaças trazidas pela instabilidade afegã fizeram com que países como China, Rússia, Índia, Paquistão, Tajiquistão, Turquemenistão, Uzbequistão e Quirguistão buscassem tomar medidas adicionais para fortalecer a segurança regional. Uma delas foi a busca por instituição que desenvolvessem uma maior cooperação regional como a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC) e a Organização de Cooperação de Xangai (OCX) (melhor explicada no segundo capítulo) (ibidem).

A necessidade de buscar soluções para os problemas que emergiram do Afeganistão surgiram, segundo Baizakova (2013), por volta de 2002, quando a já estabelecida Organização de Cooperação de Xangai reconheceu a valia de estabelecer um sistema de segurança antidrogas ao longo das fronteiras afegã. Os Estados perceberam que grande parte do lucro obtido em atividades ilícitas – como tráfico de drogas, armas, pessoas, entre outros, – financiavam organizações terroristas atuantes na região.

Em 2007, reconhecendo que a OCX não combatia o comércio de drogas com a eficiência pensada, o presidente Putin da Rússia propôs complementar o "cinto de segurança" nas fronteiras do Afeganistão, envolvendo neste projeto agências de monitoramento financeiro dos membros da OCX. Já em 2009, a Rússia inicia ainda uma conferência internacional sobre o Afeganistão no âmbito da OCX. A conferência aprovou um plano de ação envolvendo seus membros e também o próprio Afeganistão na luta contra o terrorismo, o comércio de drogas ilegais e o crime organizado na Ásia Central, que se mostravam picos de crescimento nos anos de 2001, 2007, 2012 e 2013, por exemplo, como mostrado na Figura 3.

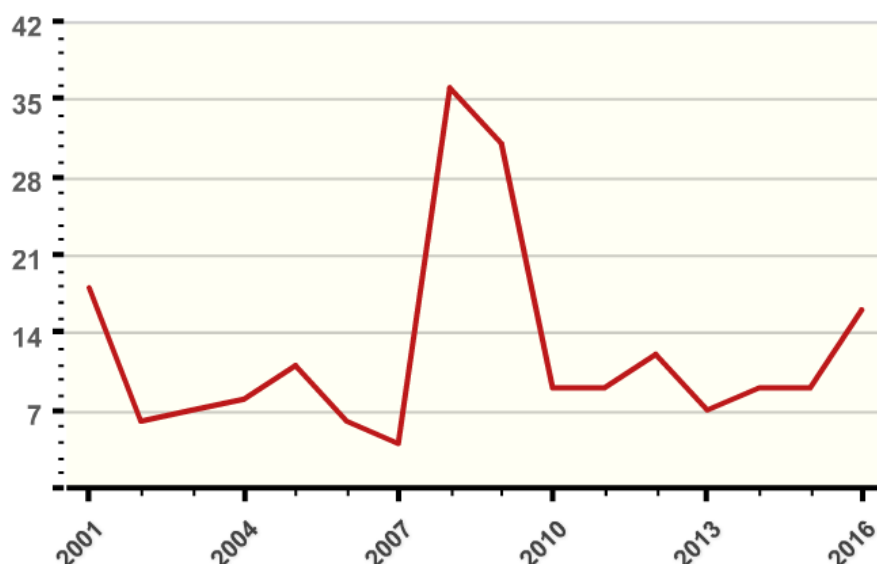


Figura 3 – Quantidade de Incidentes com Ataques Terroristas, na Região da Ásia Central, durante os anos de 2001 a 2016. Total de 198 Incidentes. Fonte: Global Terrorism Database¹⁰ (2017).

Os Estados membros da OCX não assumem posições diretas em operações militares no Afeganistão, mas fornecem às forças de coalização internacional apoio com transporte, logística, militar e técnico (BAIZAKOVA, 2013). Este fato não menospreza a questão do crescente desconforto que o fundamentalismo islâmico, que escorre do Afeganistão, tem trazido à região (SAHAI, 2002). Atualmente, com o contexto de diminuição das tropas norte-americanas no Afeganistão, a OCX tem buscado expandir seu escopo de atividades visando lidar de forma mais decisiva sobre a questão da instabilidade afegã (RIBEIRO, 2015).

A Declaração de Astana dos Chefes de Estado da Organização de Cooperação de Xangai (2017)¹¹, os Estados membros expressaram não acreditam que não haja alternativas para uma a resolução política e diplomática dos conflitos em várias partes do mundo, com base no direito internacional. Os Estados membros mostram apoio às aspirações do governo e do povo afegão de construir um Estado mais pacífico, estável e economicamente próspero, isento de terrorismo, extremismo e tráfico de drogas.

¹⁰

Disponível

em:

http://www.start.umd.edu/gtd/search/Results.aspx?chart=overtime&casualties_type=b&casualties_max=&start_yearonly=2001&end_yearonly=2016&dt2=all®ion=7. Acessado em 17/11/17.

¹¹ Disponível em: <http://eng.sectsc.org/documents/>. Acessado em 17/11/17.

1.1.2. TERRORISMO NA ÁSIA CENTRAL



Figura 4 – Mapa da Ásia Central. Fonte: LAL (2006, P.05).

O terrorismo na região da Ásia Central não é algo novo. Esta região já sofria com incidentes terroristas muito antes que os países Ocidentais. A problemática do surgimento e aumento de células terroristas na Ásia Central acabou sendo estimulada, em certos aspectos, pela forte presença do tráfico de drogas e produtos ilícitos na região. Na Figura 5, notamos a frequências dos incidentes na região entre os anos de 1990 a 2015.

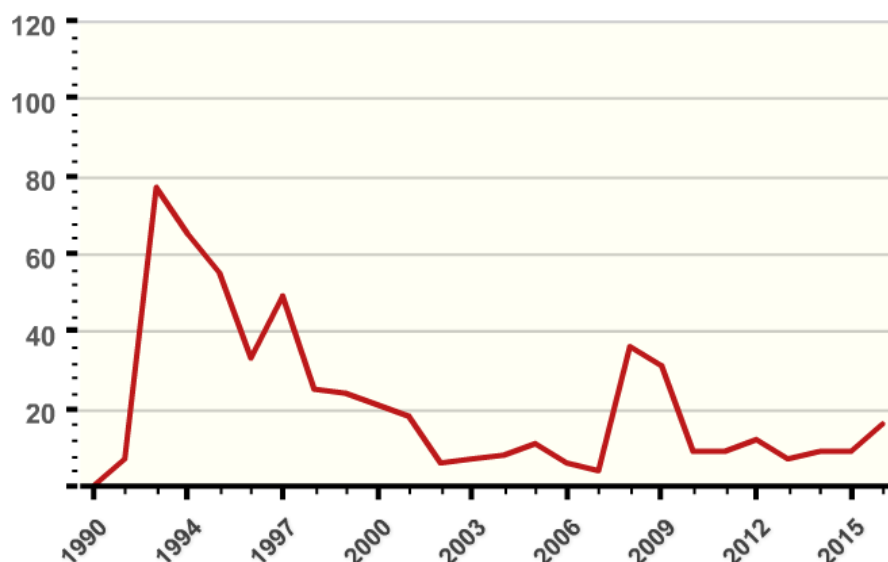


Figura 5 – Incidentes Terroristas na Região da Ásia Central entre os anos de 1990 a 2015.
Total de incidentes 554. Fonte: Global Terrorism Database¹². (2017).

O tráfico de drogas entre tais países se tornou uma questão latente quando falamos sobre segurança internacional na Ásia Central. Localizada entre o principal consumidor de opiáceos, Rússia, e um dos principais produtores dos mesmos, Afeganistão, a Ásia Central acabou se tornando um viveiro de produtos ilícitos após os conflitos regionais presenciados na região e tais atividades criminosas constituem as principais fontes de rendas de organizações terroristas. (REYES, DINAR. 2015).

A economia aberta da Rússia criou uma nova classe de consumidores para opiáceos ilícitos que aumentaram ainda mais a produção e o tráfico do Afeganistão através da Ásia Central. Com o crescente desenvolvimento da infraestrutura e tecnologia de transporte na Ásia Central, que resultou dos esforços de extração de recursos e do estabelecimento de bases militares estrangeiras, o tráfico de precursor químicos necessários para a produção de drogas foi facilitado. Além disso, os fluxos migratórios espalham conexões em todo o movimento da região de bens lícitos (e ilícitos). Em menos de duas décadas, a Ásia Central tornou-se uma das três rotas de tráfico dominantes no mercado global de heroína. (REYES, DINAR. 2015. Pág. 384)¹³.

¹²

Disponível

em:

http://www.start.umd.edu/gtd/search/Results.aspx?start_yearonly=1990&end_yearonly=2016&start_year=&start_month=&start_day=&end_year=&end_month=&end_day=®ion=7&asmSelect0=&asmSelect1=&dtpt2=all&success=yes&casualties_type=b&casualties_max=. Acessado em 17/11/17.

¹³ No original: “Russia’s open economy created a new class of consumers for illicit opiates that further increased Afghanistan’s production and traffic through Central Asia. With the increasing development of infrastructure and transportation technology in Central Asia, which resulted from resource extraction efforts and establishment of foreign military bases, the traffic of precursor chemicals necessary for drug production was facilitated. In addition, migration flows spread connections across the region while developing trade relations increased the movement of licit (and illicit) goods. In less than two decades, Central Asia became one of three dominant trafficking routes in the global heroin market”.

Esse comércio de produtos ilícitos proporcionou à grupos étnicos radicais, grupos insurgentes e / ou organizações terroristas, financiamento para suas operações. O tráfico de drogas, segundo Reyes e Dinar (2015), forneceu oportunidades financeiras na região que facilitaram o desenvolvimento de relações consideradas estratégicas para estruturas organizações de grupos terroristas que acabariam atuando em diversos países.

Os conflitos nesta região podem resultar de diversos fatores como as tensões étnicas potencialmente explosivas – vindas da separação de uzbeques étnicos, quirguizes, tadjiques, turcomanos e cazaques das nacionalidades de titularidade dos Estados recém independentes com o fim da União Soviética – e os desafios fronteiriços, a pobreza severa, o narcotráfico e, em especial na Ásia Central, a ameaça de insurgências e conflitos islâmicos (OLIKER e SZAYNA, 2003).

“No passado, a alta concentração de uzbeques, quirguises e tadjiques nas aldeias que fazem fronteira com as repúblicas vizinhas criou um contexto para confrontos interétnicos nas comunidades multiétnicas das repúblicas da Ásia Central¹⁴” (Figura 6) (OMELICHEVA, 2010. P. 168). Hoje, no entanto, teóricos consideram que as segmentações étnicas não constituem em si uma grande ameaça para a estabilidade da região. Em seu lugar, surgiu a ascensão do islamismo radical com um desenvolvimento mais alarmante. Durante a última década, autores têm ressaltado que o avivamento do Islã na região da Ásia Central veio, em parte, pela forte repressão sofrida pela região durante a União Soviética (LEE, 2006).

¹⁴ No original: “In the past, the high concentration of Uzbeks, Kyrgyz, and Tajiks in the villages bordering the neighboring republics created a context for inter-ethnic clashes in the multi-ethnic communities of the Central Asian republics”.

MANTENDO A ÁSIA CENTRAL ESTÁVEL						
População da Ásia Central (em milhões) e composição étnica						
	Uzbequistão	Cazaquistão	Quirguistão	Tajiquistão	Tuquemenistão	Ásia Central
Uzbeques	19.233 (76.5%)	0.371 (2.5%)	0.666 (13.8%)	1.691 (25.7%)	0.453 (9.8%)	22.414 (39.9%)
Cazaques	1.050 (4.2%)	7.985 (53.4%)	0.044 (0.9%)	—	0.098 (2.1%)	9.177 (16.3%)
Quirguizes	0.219 (0.9%)	—	3.130 (64.9%)	0.085 (1.3%)	—	3.434 (6.1%)
Tajiques	1.395 (5.5%)	0.026 (0.2%)	0.047 (1%)	4.598 (69.9%)	—	6.066 (10.8%)
Turquemenos	0.162 (0.6%)	—	—	0.029 (0.4%)	3.613 (78.5%)	3.804 (6.7%)
Russos	1.150 (4.6%)	4.480 (30.0%)	0.603 (12.5%)	0.068 (1.0%)	0.240 (5.2%)	6.541 (9.8%)
Outros	1.946 (7.7%)	2.091 (13.9%)	0.333 (6.9%)	0.108 (1.7%)	0.199 (4.4%)	4.677 (8.3%)
População Total	25.155	14.953	4.823	6.579	4.603	56.113

Figura 6 – População da Ásia Central e Composição Étnica. Fonte: AKBARZADEH, Shahram. (2004. P.691).

Com a dissolução da União Soviética, nos anos 90, os países da região em questão foram colocados em evidência para o mundo em meio a transições políticas e econômicas. Nesse contexto, tais estados recém-independentes tiveram dificuldade em controlar suas fronteiras devido à falta de recursos e forte corrupção (REYES, DINAR. 2015). Com isso, as fronteiras ficaram cada vez mais permeáveis facilitando o deslocamento e expansão das organizações terroristas.

Falar que as preocupações com tais questões aumentaram após os ataques aos EUA em 2001 não significa dizer que elas não existiam antes. Desde o ano de 1998 a ameaça da militância islâmica, por exemplo, já fortalecia as relações diplomáticas de países da região como Rússia, Quirguistão, Uzbequistão, Cazaquistão e o Tajiquistão (LEE, 2006). Já no ano de 2000, em Bishkek, por exemplo, os países pertencentes do grupo Shanghai Five (Cazaquistão, China, Quirguistão, Rússia e Tajiquistão) se reuniram para tratar de temas de política externa e segurança na região e concordaram em estabelecer um centro antiterrorista na Bishkek, Quirguistão (BUMBIERIS, 2010).

Este centro tinha como principais objetivos o controle e combate aos grupos islamistas/jihadistas ou nacionalistas que representavam ameaça à estabilidade dos regimes centro-asiáticos, as desestabilizações regionais causadas pela ascensão do regime Taliban no Afeganistão (1996), a campanha Chechênia na Rússia (1999) e as preocupações de Pequim

com as questões que surgiam em Taiwan, Tibet e Xinjiang (ibidem). Segundo Reyes e Dinar (2015), a região da Ásia Central fornecia uma base para o desenvolvimento de organizações criminosas e grupos terroristas, como a Al-Qaeda, IMU (Movimento Islâmico do Uzbequistão e o UIJ (União Islâmica da Jihad).

A Guerra ao Terror e a instalação de tropas norte-americanas no Afeganistão geraram condições ainda mais favoráveis à evolução institucional de Shanghai Five para a Organização de Cooperação de Xangai (OCX). O Afeganistão foi considerado, por muito tempo, a fonte raiz das crises de construção de democracias estáveis necessárias à criação de uma maior segurança na região. Segundo Olcott (2003), “seria um erro muito grande por parte dos governos da região assumir que a crescente presença de segurança dos Estados Unidos na região os protegerá das consequências de suas decisões” (P. 90).

Olcott cita ainda como exemplo da expansão da influência que os EUA buscaram na região da Ásia Central, sob o argumento da Guerra ao Terror, a questão da reforma democrática no Uzbequistão.

O regime de Karimov concordou, em princípio, em apoiar reformas políticas como parte do quadro de parceria estratégica, prometendo "intensificar ainda mais a transformação democrática de sua sociedade politicamente e economicamente". Em troca, o governo dos Estados Unidos prometeu fornecer aos uzbeques assistências para criar um verdadeiro sistema multipartidário, uma mídia independente e um sistema judiciário independente. (OLCOTT, 2003. Pág. 89)¹⁵

A OCX surge como uma resposta conjunta de China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão e Uzbequistão e dois países aderentes então, a Índia e Paquistão, aos tidos três males da região – terrorismo (com movimentos islamistas/jihadistas), separatismo (através de descontentamentos e revoltas contra, por exemplo, baixos padrões de vida, repressões políticas, religiosas e étnicas) e extremismo (ibidem). Estes males se acentuaram na região desde a dissolução da URSS, trazendo forte violência principalmente no Tajiquistão, que enfrentou uma guerra civil em 1992 (BUMBIERIS, 2010).

A Organização de Cooperação de Xangai surgiu e se desenvolveu tendo como uma de suas principais preocupações a expansão o fundamentalismo radical islâmico. Dentro desta problemática, um dos principais atores é o Movimento Islâmico do Uzbequistão (IMU). O

¹⁵ No original: “The Karimov regime has agreed in principle to support political reforms as part of the strategic partnership framework, promising “to further intensify the democratic transformation of its society politically and economically.” In return, the United States government promised to provide the Uzbeks with assistance designed to create a genuine multiparty system, an independent media, and an independent judiciary”.

IMU, como mostrado nas Figuras 7 e 8, mostra maior tendência política e religiosa à ações não democráticas e violentas (AKBARZADEH, 2015). A motivação do Uzbequistão de candidatar-se à uma vaga na então Shanghai Five foi fundamentada no crescente desconforto no país na consolidação dos talibãs no Afeganistão e o aumento de grupos militantes, como IMU, em território Uzbequistão.

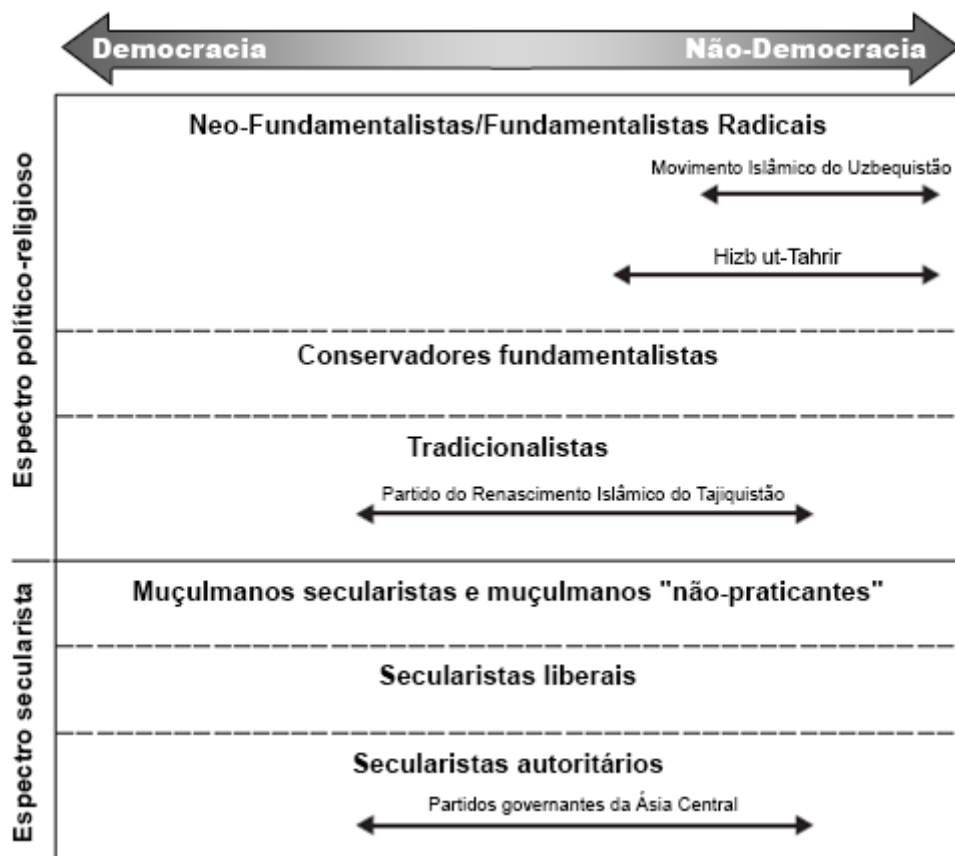


Figura 7 – Tendências Políticas e Religiosas na Ásia Central Sob o Spectrum da Democracia e não Democracia. Fonte: RABASA, Angel M. et al. (2004. P.377).

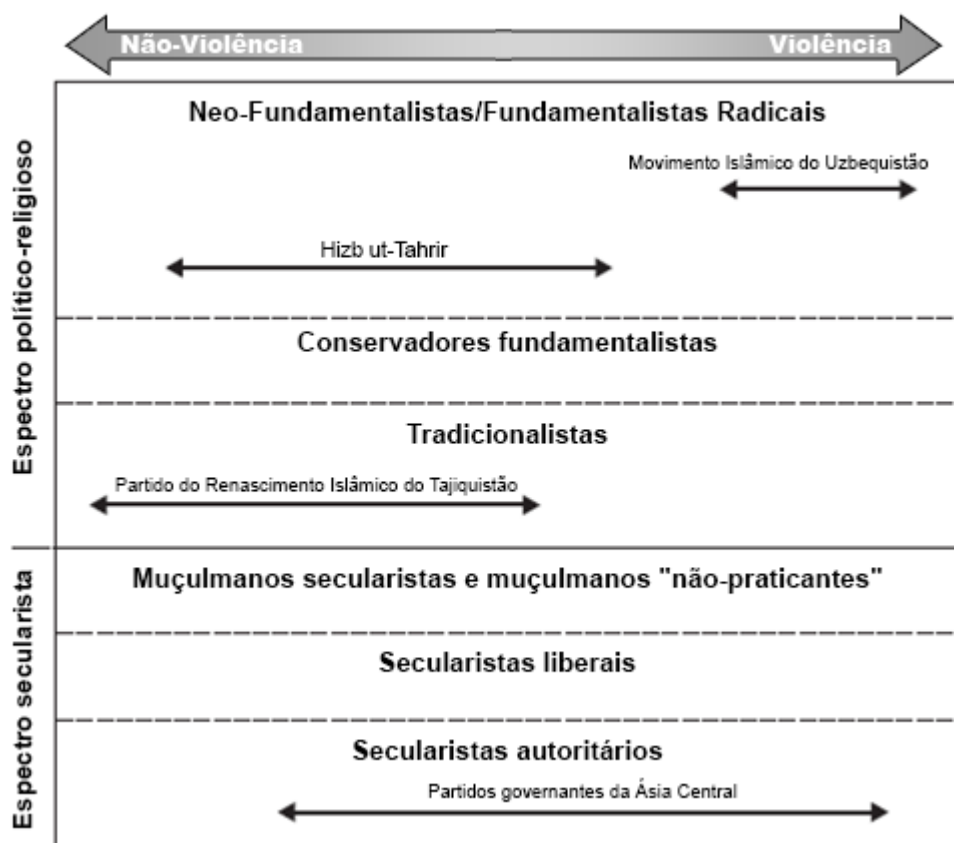


Figura 8 – Tendências Políticas e Religiosas na Ásia Central sob o Spectrum da Não-Violência e Violência. Fonte: RABASA, Angel M. et al. (2004. P.378).

Após forte repressão¹⁶ do governo Uzbequistão aos adeptos à tais movimentos, notou-se, segundo Olcott (2003), um aumento da presença de tais militantes nas fronteiras do país, causando preocupação para os vizinhos Cazaquistão, Quirguistão e no Tajiquistão.

Segundo Ahmed Rashid - o autor de vários livros sobre a Ásia Central - o resultado das políticas repressivas da Uzbequistão foi o que Karimov temia mais: o crescimento da militância extremista islâmica. "O surgimento da IMU pode estar diretamente ligado à recusa de Karimov para permitir aos muçulmanos praticar sua religião e sua atitude extrema em relação a toda expressão religiosa ou dissidência política". Zeyno Baran, diretor de programas internacionais de segurança e energia do Nixon Center, afirmou em uma apresentação para o Senado dos Estados Unidos em 24 de junho de 2004: "Os islamistas radicais são cada vez mais atraentes para os uzbekos porque fornecem respostas simples a pessoas que não oferecem uma alternativa ideologia e não tem esperança para um futuro melhor. (BAKKER, 2006. P. 113)¹⁷.

¹⁶ O Uzbequistão, em particular, sofreu graves ataques terroristas nos últimos anos. Autores como Bakker (2006), atribuem esta observação ao fato da forte repressão que o governo do Uzbequistão fez à população que criticava o regime de Karimov e aos praticantes da religião islâmica – tidos como radicais.

¹⁷ No original: "According to Ahmed Rashid — the author of several books on Central Asia — the result of Uzbekistan's repressive policies has been that which Karimov feared most: the growth of extremist Islamic

O movimento islâmico esteve particularmente agudo no Uzbequistão, segundo Barkker (2006), devido ao fato do islamismo estar profundamente enraizado em diversas partes do país. Alguns destes grupos radicais de hoje possuem raízes em revolta anti-russa que ocorreram na região do Vale Ferghana em 1898. (OLCOTT, 2003. P. 93 e 94).



Figura 9 – Mapa do Uzbequistão. Fonte: Modificado – Google Maps¹⁸.

O IMU, que surgiu como um movimento social Adolat em 1992, no Afeganistão, em 1999 tornou-se uma organização terrorista, constituía um movimento islamista que procurava derrubar o governo secularista de Islam Karimov e assim constituir um Estado Islâmico no Uzbequistão. A organização buscou refúgio no Tadjiquistão e no Afeganistão, onde combateu ao lado do Taliban, na guerra civil deste país. (BUMBIERIS, 2010).

O IMU é o primeiro grupo insurgente / terrorista da Ásia Central a receber atenção global. Ele se espalhou rapidamente do Tadjiquistão, para o Quirguistão, para o Afeganistão com

militancy. ‘The rise of the IMU can be directly linked to Karimov’s refusal to allow Muslims to practice their religion and his extreme attitude to all religious expression or political dissent.’¹⁴ Zeyno Baran, Director of International Security and Energy Programs of the Nixon Center, stated in a presentation for the US Senate on 24 June 2004: ‘Radical Islamists are increasingly appealing to the Uzbeks because they provide simple answers to people who are not offered an alternative ideology and have no hope for a better future.’

¹⁸ Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Cazaquist%C3%A3o/@45.644096,50.0564566,3z/data=!4m5!3m4!1s0x38a91007ecfca947:0x5f7b842fe4b30e1b!8m2!3d48.019573!4d66.923684>. Acessado em 18/10/17.

uma presença contínua até 2010 em Takhar, no Afeganistão. Em maio de 2002, o Projeto Ásia Central da Fundação Soros reconheceu a resiliência da IMU e afirmou que "a expansão rápida do tráfico de ópio e heroína fora do Afeganistão indica que os radicais islâmicos terão acesso a fundos para pagar e equipar novos recrutas".

Inicialmente foi identificado como um movimento insurgente étnico uzbeque, mas evoluiu para um grupo de tráfico de drogas, que se alinha com o Talibã Pashtun (ambos islamitas sunitas). Acredita-se que a IMU tenha estabelecido um relacionamento estratégico com a máfia da droga afegã e os grupos criminosos da Ásia Central para garantir que as transferências de heroína possam ser transportadas com segurança entre o Afeganistão, a Federação Russa e o Cáucaso. Em um ponto, o IMU controlou as pontes no Tajiquistão e no Uzbequistão, os talibãs controlaram o movimento no Afeganistão, ambos trabalharam com Pashtuns étnicos, Baluchi, Uzbeques e Tajiques, e a Máfia russa facilitou a entrada de opiáceos afegãos no mercado russo. (REYES e DINAR, 2015. P. 385 e 386)¹⁹.

O IMU elaborou ataques no Quirguistão em 1999 e em 2002 e no Uzbequistão também em 1999²⁰ e em 2004. Estes eventos, segundo Olcott (2003), fizeram com que países como o Uzbequistão e Quirguistão quisessem proteger ainda mais suas fronteiras nacionais.

A desordem no Afeganistão complicou o processo de construção do Estado em toda a Ásia Central, mas as políticas no Uzbequistão foram mais moldadas pelos desenvolvimentos no Afeganistão, especialmente depois que uma série de bombas explodiram na capital de Tashkent em fevereiro de 1999. O governo uzbeque estava determinado que os militantes do IMU (Movimento Islâmico do Uzbequistão), que culpou pelas explosões, nunca poderiam entrar no seu país a vontade e os funcionários do governo uzbeque reconheceram que o treinamento que a IMU estava recebendo no Afeganistão estava transformando a natureza do islamismo em ameaça para o regime. (OLCOTT, 2003. P. 89)²¹.

¹⁹ No original: "The IMU is the first well-known Central Asian insurgent/terrorist group to receive global attention. It quickly spread from Tajikistan, to Kyrgyzstan, to Afghanistan with a continued presence by 2010 in Takhar, Afghanistan. Back in May of 2002, the Central Asia Project of the Soros Foundation had recognized the resilience of the IMU and stated that "[t]he rapid expansion of opium and heroin trafficking out of Afghanistan indicates that Islamic radicals will have access to funds to pay and equip new recruits." It was originally identified as an Uzbek ethnic insurgent movement, but evolved into a drug trafficking group, which aligns itself with the Pashtun Taliban (both Sunni Islamists). It is believed that the IMU entered into a strategic relationship with the Afghan drug máfia and Central Asian criminal groups to ensure that shipments of heroin could be safely transported between Afghanistan, the Russian Federation, and the Caucasus. At one point, the IMU controlled the bridges in Tajikistan and Uzbekistan, the Taliban controlled the movement in Afghanistan, both worked with ethnic Pashtuns, Baluchi, Uzbeks, and Tajiks, and the Russian Mafia facilitated the entrance of Afghan opiates into the Russian Market".

²⁰ Em fevereiro de 1999, uma série de explosões ocorridas em Tashkent deixaram cerca de 16-28 mortos e mais feridos. (BAKKER, 2006).

²¹ No original: "The disorder in Afghanistan complicated the process of state-building throughout Central Asia, but policies in Uzbekistan were most shaped by the developments in Afghanistan, especially after a series of bombs exploded in the capital city of Tashkent in February 1999. The Uzbek government was determined that

Por volta de 2001, o IMU decide mudar seu nome para IMT (Partido Islâmico do Turquistão) e expande seus objetivos iniciais²² para uma criação de um Estado Islâmico em toda a região da Ásia Central (BAKKER, 2006). Recentemente, segundo Reyes e Dinar (2015) o IMU também buscou expandir duas alianças para incluir mais dois movimentos de grande alcance, o Estado Islâmico do Iraque e o Levant (ISIL). Apesar do IMU ser o principal motivo de preocupações dos países da OCX, a região também sofre com a violência de outros grupos islamistas, como o ETIM (East Turkestan Islamic Movement) e a sua facção TIP (Turkistani Islamic Party).

O TIP, uma aliança de grupos militantes no Paquistão, possuem como um dos objetivos evitar que os militares dividissem e conquistassem a FATA e Khyber Pakhtunkwa. Suas tendências idealistas e fundamentos convergiram com o narcotráfico” (REYES e DINAR, 2015).

Na região da Ásia Central há também relatos da atuação terrorista de grupos jihadistas internacionais, como o Hizb-ut Tahrir e o Al Islami²³. O IMU e Hizb ut-Tahrir atuam de forma mais ativa no Uzbequistão, em especial no Vale de Ferghana, local onde há intensas disputas por terra e água (AKBARZADEH, 2015). Outro grupo terrorista presente na Ásia Central que representa um forte ameaça à segurança internacional é o Jund al-Khilafah (JaK), composto principalmente por indivíduos cazaques e operam, principalmente na região do Norte Cáucaso (REYES e DINAR, 2015).

O UIJ (União Islâmica da Jihad) – grupo dissidente do IMU -, por exemplo, já mostrava campanhas de terror desde 2004, quando matou dezenas de pessoas em um dos primeiros ataques terroristas suicidas registrados na Ásia Central (REYES e DINAR, 2015). Apesar desta significativa presença islamista na região e do grande ressurgimento da identidade islâmica e seu ativismo, desde o período da perestroika, o islamismo na Ásia Central ainda estava menos desenvolvido do que no Oriente Médio e África do Norte (COLLINS, 2007).

A frequência e a gravidade dos ataques terroristas promovidos por grupos islâmicos nos países membros da OCX mostraram certa aceleração desde 1998 (LEE, 2006). Um

IMU (Islamic Movement of Uzbekistan) militants, whom it blamed for the explosions, should never be able to enter their country at will, and Uzbek government officials recognized that the training that the IMU was receiving in Afghanistan was transforming the nature of the Islamic threat confronting the regime.”

²² Objetivos de estabelecer um Estado Islâmico no Uzbequistão. (BAKKER, 2006).

²³ Após a morte de sua liderança, em 2003, o movimento teria se dissolvido, mas o governo chinês continuou usando o argumento de supostas ameaças terroristas deste grupo para manter forte controle sobre a população uigur da região (BUMBIERIS, 2010).

exemplo disso é o caso Caxemira, região entre a Índia e o Paquistão, onde há a atuação de organizações terroristas no período entre 1989 a 2009 (JÚNIOR, 2010).

Mas apesar do medo generalizado de que tais grupos terroristas causam, eles possuem pouco apoio popular na região, já que a maioria da população, em tais países asiáticos centrais, são muçulmanos sunitas das seitas de *Hanafi* ou *Sufi* que desencorajam o extremismo presente em tais grupos (ibidem).

Casos de mobilização islâmica na Ásia Central pós-soviética e no Azerbaijão

<i>Caso</i>	<i>Local</i>	<i>Lugar, Data de origem</i>	<i>Estimativas independentes de adesão; Direção de crescimento (2007)</i>	<i>Variável dependente: Sucesso/falha de mobilização social medida por</i> <i>1. Recrutamento de ativistas e seguidores</i> <i>2. Autossustentando-se ao longo do tempo</i>
Hizb ut-Tahrir al-Islami (HTI)	Uzbequistão, Quirguistão, Tajiquistão, Cazaquistão	Oriente Médio, 1953; Uzbequistão, 1992-95	de 16.000 para cerca de 35.000; ainda crescendo	1. alto 1. alto
Partido do Renascimento Islâmico (IRP)	Tajiquistão	Tajiquistão, 1990	de 3.000 para 20.000; decrescendo	1. moderado, mas decrescendo 1. moderado
Partido Islâmico do Azerbaijão (IPA)	Azerbaijão	Azerbaijão, 1992	centenas; decrescendo	1. baixo 1. baixo

Figura 10 - Casos de Mobilizações Islamistas no Pós-União Soviética, na Ásia Central e Azerbaijão.
Fonte: COLLINS. (2007. P.66).

A nível local, regional e global, a Ásia Central fornece uma mistura de preocupações de segurança que chamam muita atenção tanto dos seus países vizinhos – como Rússia, China, Índia e Paquistão – como de todo o mundo. A seguir, será analisado o caso específico da Chechênia-Rússia, que envolveu a problemática terrorista, em um dos principais membros da OCX.

1.1.3. O CASO CHECHÊNIA



Figura 11 – Mapa da Chechênia. Fonte: Modificado – Google Maps²⁴.

A Rússia enxergava tal expansão dos movimentos islâmicos, descritos no item acima, como uma forte ameaça às suas fronteiras a sul, já que o islamismo radical é conhecido por sua capacidade de se espalhar de uma região para outra. O governo russo mostrou certa preocupação de que houvesse uma ignição de sentimentos extremistas dentre a população muçulmana em seu território (LEE, 2006).

Durante a maior parte do século passado, a União Soviética dominou a paisagem política do que é hoje a Ásia Central e o Cáucaso. O fim da Guerra Fria fez pouco para alterar este estado de coisas. Embora induzisse o Kremlin a desprender-se de grande parte do Oriente Médio e da América Latina, não diminuiu o envolvimento de Moscou nos novos Estados soberanos da Armênia, Azerbaijão, Geórgia, Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Turquemenistão e Uzbequistão. (BERMAN, 2004. P. 59 e 60)²⁵.

²⁴

Disponível em:
<https://www.google.com.br/maps/place/Chech%C3%AAnia,+R%C3%BAssia/@42.5310891,40.1162672,5z/data=!4m5!3m4!1s0x4051d57c9d13b971:0x7faadc5dead7e13b18m2!3d43.4023301!4d45.7187468>. Acesso em 07/10/17.

²⁵ No original: For most of the last century, the Soviet Union dominated the political landscape of what is today Central Asia and the Caucasus. The end of the Cold War did little to alter this state of affairs. Although prompting the Kremlin to disengage from much of the Middle East and Latin America, it did not dim Moscow's

A questão sobre o terrorismo tem influenciado de forma direta agendas políticas e de cooperações entre as nações e não é uma questão somente de fronteiras para a Rússia. O caso Chechênia, ocorrido no país, por exemplo, mostrou ao governo russo os perigos de movimentos fundamentalistas (LEE, 2006). Este caso foi um dos mais emblemáticos casos em que a Rússia teve que lidar com o terrorismo.

Após o desmantelamento da União Soviética uma forte onda separatista tomou conta da Chechênia, onde os separatistas exigiam total autonomia e independência em relação à Federação Russa, que por sua vez, negou com forte veemência tal pedido, alegando que tais ações colocariam a integridade territorial e o caráter multiétnico e pluralista da Rússia em perigo (MALIAPATRA, 2005).

Os desentendimentos entre Rússia e Chechênia não eram novidade. A desintegração da URSS, em 1991, apenas exacerbou ainda mais tais diferenças. Após os ataques terroristas nos EUA (11/09/2001) a questão da Chechênia começou a chamar maior atenção dos países Ocidentais, que compraram o argumento que tal região estaria patrocinando e protegendo organizações terroristas. Isso fez com que as visões da Rússia e de alguns países Ocidentais se aproximação em relação à que medidas tomar.

Anteriormente a tais ataques, a Rússia era fortemente criticada por países ocidentais pela maneira como interviu militarmente na questão Chechênia. Mas, mesmo assim, segundo Russell (2005), apesar o conflito entre Rússia e Chechênia ter sido um dos conflitos mais sangrentos desde a Segunda Guerra Mundial, pouca atenção e tempo de discussão em fóruns internacionais foram dadas pelos países ocidentais. Ou seja, após 11 de setembro, a questão Chechênia deixa de ser um problema exclusivamente Russo e passa a fazer parte da guerra global contra o terrorismo internacional, tornando assim, EUA e Rússia, de certa forma, aliados diante de tal problema (MALIAPATRA, 2005).

A Chechênia, que realmente está no canto sudeste da Europa, permanece para a maioria dos europeus ocidentais um país distante e os chechenos, pessoas de quem eles conhecem pouco ou nada. Os líderes políticos na Europa Ocidental e nos Estados Unidos estão conscientes de que esta região é apenas registrada na tela de radar político de seus públicos na época de espectros terroristas como Nord-Ost em 2002 e Beslan em 2004 (...) (RUSSELL, 2005. P. 02)²⁶.

involvement in the newly sovereign states of Armenia, Azerbaijan, Georgia, Kazakhstan, Kyrgyzstan, Tajikistan, Turkmenistan, and Uzbekistan.

²⁶ No original: "Chechnya, which does indeed lie in the southeastern corner of Europe, remains for most West Europeans a faraway country and the Chechens, a people of whom they know little or nothing. Political leaders

Quando em 1991 a URSS foi desfeita, todas as ex-repúblicas soviéticas tornaram-se independentes. A Chechênia, porém, não ganhou o mesmo direito. O governo russo não concedeu à Chechênia um estatuto de independência, muito pelo contrário, integrou a região à Federação Russa. Esta atitude fez com que o sentimento separatista ficasse ainda mais latente. Como forma de reação, em novembro de 1991, o líder do movimento pró-independência da Chechênia, Dzokhar Dudayev, declarou a independência da Chechênia em relação ao governo russo (MALIAPATRA, 2005).

O então presidente russo, Boris Nicoláievitch Iéltsin²⁷, percebendo que tal movimento checheno não teria como ser solucionado por meios diplomáticos, resolve intervir militarmente na região. Sua alegação para tal intervenção foi a de que a aceitação ou concessão do separatismo ameaçaria a integridade territorial russa, já frágil com a dissolução da URSS e, a Chechênia poderia acabar se tornando uma sede do terrorismo internacional (ibidem).

Este último fato acabou verificando-se, diante de tantos conflitos em busca da independência e da baixa qualidade da administração, a Chechênia não mostrou, neste período, qualquer sinal de desenvolvimento da democracia e nem da sociedade civil. Isso fez com que a região acabasse entrando em um forte estado de instabilidade e, sob a liderança de Maskhadov, se tornasse, o que Maliapatra (2005) chamou de centro do terrorismo internacional e do fundamentalismo islâmico.

O Islamismo Radical, conhecido como Wahhabism, chegou à Chechênia pela Arábia Saudita. A rede terrorista que operou na Chechênia não se limita a essa região, mas se espalhou para outras áreas como Kashmir, Xinjiang, etc. Esses grupos islâmicos radicais que recorrem ao terrorismo poderiam ter sido motivados pelo ideal de estabelecer uma república islâmica. Vale ressaltar que apenas o regime talibã no Afeganistão reconheceu a Chechênia como um estado independente. (MALIAPATRA, 2005. P. 230)²⁸.

Além das motivações políticas, a Rússia tinha também motivações geoestratégicas e econômicas para manter a Chechênia como parte de seu território. A região da Chechênia,

in Western Europe and the United States are well aware that this region only registers on their public's political radar screen at the time of such terrorist 'spectaculars as 'Nord-Ost' in 2002 and Beslan in 2004 (...)"

²⁷ Boris Nicoláievitch Iéltsin foi o primeiro presidente russo após o desmantelamento da URSS.

²⁸ No original: "Radical Islam, known as Wahhabism came to Chechnya from Saudi Arabia. The terrorist network that has been operating in Chechnya is not confined to that region only, rather it has spread to other areas such as Kashmir, Xinjiang, etc. These radical Islamic groups resorting to terrorism might have been motivated by the ideal of establishing an Islamic replubic. It is Worth mentioning here that only the Taliban regime in Afghanistan had recognized Chechnya as an independent state".

localizada na região do Cáucaso Norte da Rússia, tem grande importância estratégica pois é rica em recursos petrolíferos e possui gasodutos da bacia do mar Cáspio (ibidem).

A OCX surge então dentro desse contexto como resultado do vínculo produzido desde Shanghai Five e com o objetivo de valorizar o ambiente estratégico desenvolvido entre Rússia, China, Índia, Paquistão e os países da Ásia Central (BUMBIERIS, 2010).

A Organização de Cooperação de Xangai (OCX) é uma organização internacional cuja constituição (compromisso, objeto, caráter) e funcionamento (quadro normativo, processo decisório, coesão de membros, capacidade de concretização dos interesses de seus membros) segue a lógica da entente sino-russa na sua característica de governança de regimes (semi-)autoritários alinhados a Pequim e Moscou e estabilização dos interesses geopolíticos sino-russos na região, o que permite, pela criação de um ambiente de segurança regional e controle de conflitos étnico-religiosos (que passam por processos de securitização como terrorismo, separatismo e extremismo), a concentração de forças nos objetivos de balanceamento interno de cada grande potência” (BUMBIERIS, 2010. P. 31).

2. ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO DE XANGAI (OCX)

A região da Ásia Central tem se mostrado estratégica, dentro da formulação de medidas de contraterrorismo, por diversos países pelo mundo. A Organização de Cooperação de Xangai, que atua em tal região, desempenha um papel importante na formulação de políticas nas áreas de defesa e segurança dos seus Estados membros, nesta região. (MCDERMOTT, 2012). Não serão priorizados aqui os aspectos econômicos da questão – apesar de sua considerável importância e impacto na região – ou questões sobre possíveis novos membros na organização. Usaremos tais abordagens, caso necessário, apenas para exemplificar ou enfatizar outro aspecto relevante para o entendimento completo dos objetivos da pesquisa.

Os membros da OCX dirigem todos os seus esforços exclusivamente para manter a paz e a estabilidade em sua região. Além disso, eles preveem expandir a área geográfica de sua cooperação. A OCX não é uma aliança militar nem uma união política de estados, mas uma estrutura de segurança regional flexível que procura expandir áreas de cooperação. A cooperação multilateral no âmbito da OCX engloba cooperação econômica e militar-política. O OCX já fez progressos significativos na melhoria dos seus mecanismos e no avanço da cooperação empresarial e das relações diplomáticas entre os seus membros. (BAIZAKOVA, 2013. P.77)²⁹.

É dentro de um contexto internacional focado cada vez mais em segurança e com as nações percebendo que projetos de coalizões regionais geram maiores benefícios dentro de um sistema cada vez mais globalizado que a OCX surge. A região da Ásia Central sempre foi um lugar de convergência de interesses estratégicos das potências mundiais (BAIZAKOVA, 2013). A estabilidade econômica, militar e política da região é dependente, em grande parte, de fatores externos e os países como Rússia, China e o Ocidente atuam neste papel de estabilizador, já que tais potências tendem a defender de forma ativa seus interesses político-militares e militares na Ásia Central (ibidem).

A OCX surge com o objetivo de construir relações de igualdade mutualmente benéficas entre seus Estados Membros, buscando sempre levar em consideração os

²⁹ No original: “The SCO members direct all their efforts exclusively at maintaining peace and stability in their region; moreover, they envision expanding the geographical area of their cooperation. The SCO is neither a military alliance nor a political union of states but a flexible regional security structure that seeks to expand areas of cooperation. Multilateral cooperation within the SCO encompasses economic as well as military-political cooperation. The SCO has already made significant progress in improving its mechanisms and advancing business cooperation and diplomatic relations among its members”.

interesses e opiniões de todos os membros. Entre os fatores (que elaborados no decorrer deste capítulo) que atraíram os países da Ásia Central a unirem-se à organização está o fato de que a tal organização buscou sempre fixar objetivos bem definidos de cooperação com prazos e recursos claramente atribuídos, sendo eles inicialmente delimitação e securitização das fronteiras na luta contra o terrorismo, o separatismo e o extremismo religioso e cooperação na área de segurança (DADABAEV, 2014).

Dada a complexidade e escala dos problemas enfrentados na região da Ásia Central, por volta de 1990, bem antes da OCX se constituir como é conhecida hoje, os países membros do Shanghai Five (a forma embrionária da OCX) já baseavam seu trabalho no chamado "espírito de Xangai", isto é, confiança e benefício mútuos, igualdade, consulta, respeito pelas civilizações diferentes e busca de um desenvolvimento comum. Os países participantes do Shanghai Five buscaram, através da cooperação reforçada entre Estados, promover a paz e a estabilidade regional e, através do trabalho conjunto, buscaram soluções para problemas que afetavam a região como um todo (SAHAI, 2002).

Na próxima sessão (2.1) serão melhores abordadas questões sobre a formulação e constituição da OCX como ela é hoje. São tratados pontos sobre as relações entre os seus Estados membros, como a OCX surge e quais as pretensões futuras da organização.

2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO DE XANGAI

A Organização de Cooperação de Xangai foi originalmente organizada como Shanghai Five (1996) (ALBERT, 2015) - um fórum de confiança para a desmilitarização das fronteiras desenvolvido com base em reduções da força militar e medidas de fortalecimento da confiança nas regiões fronteiriças entre os países China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão e o Tajiquistão (BAIZAKOVA, 2013).

As partes alcançaram resultados importantes em termos práticos através do esforço conjunto. Na história das relações internacionais contemporâneas, a criação e o desenvolvimento dos Cinco de Xangai constituem um exemplo significativo de diplomacia criativa:

- estabeleceu as bases para uma nova visão da segurança com base em princípios de confiança mútua, desarmamento e cooperação;
- as relações interestaduais expandidas do novo tipo iniciado pela Rússia e a China, com base na parceria, e não na união;

- incorporou um modelo de cooperação regional distinguido por iniciativa conjunta, uma prioridade na segurança e interações mutuamente benéficas entre estados grandes e pequenos; e
- fez um contributo inestimável para a criação de um novo modelo das relações internacionais. (BAIZAKOVA, 2013. P. 64 e 65)³⁰.

Tal mecanismo – Shanghai Five – contou com três etapas principais de desenvolvimento. A primeira, de 1989 a 1991, sob um contexto em que as negociações sino-soviéticas sobre redução mútua das forças armadas na zona fronteiriça e o fortalecimento das medidas militares de fortalecimento da confiança mútua estavam em curso (ibidem).

A segunda etapa, de 1991 a 1997, envolveu negociações bilaterais entre cinco países – China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão e o Tajiquistão –, sobre a redução do número de tropas nas áreas fronteiriças, o fortalecimento das medidas de fortalecimento da confiança militar e a cooperação econômica como uma ação conjunta contra males regionais como crime organizado, terrorismo internacional, tráfico de drogas e outros tipos de extremismo. O acordo decorrente de tais negociações constituiu o primeiro documento a nível político-militar em escala geográfica na região Ásia-Pacífico (BAIZAKOVA, 2013).

Por fim, a terceira etapa iniciou-se em 1997. Nesta parte do desenvolvimento do Shanghai Five as negociações multilaterais entre China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão e Tajiquistão foram algumas modificações.

Uma vez que as negociações sobre o fortalecimento das medidas de fortalecimento da confiança militar e a redução das forças armadas acabaram em sucesso, o formato bilateral inicial das negociações deu lugar a um formato de cinco vias [iguais]. O conteúdo das negociações foi ampliado para abranger uma ampla troca de opiniões sobre questões políticas, econômicas, diplomáticas, militares e de segurança, bem como problemas militares pertencentes às zonas fronteiriças dos cinco países. Durante as negociações, as posições dos participantes avançaram para o acordo, as partes expressaram apoio mútuo, e a cooperação real entre eles se desenvolveu. (BAIZAKOVA, 2013. P.63)³¹.

³⁰ No original: “The parties achieved major results in practical terms through joint effort In the history of contemporary international relations, the creation and development of the Shanghai Five provide a significant example of creative diplomacy:

—it laid the foundation for a new view of security based on principles of mutual trust, disarmament, and cooperation;

—it expanded interstate relations of the new type pioneered by Russia and China, based on partnership, not union;

—it embodied a model of regional cooperation distinguished by joint initiative, a priority placed on security, and mutually beneficial interactions among large and small states; and

—it made an invaluable contribution to the creation of a new model of international relations”.

³¹ No original: “Once the negotiations on strengthening military confidence-building measures and reducing armed forces ended in success, the initial bilateral format of the negotiations gave way to a five-way format

Após o fim da União Soviética, os países da Ásia Central, com sua recém conquistada independência, buscavam assegurar um ambiente externo estável e pacífico através de uma cooperação multilateral com seus Estados fronteiriços (ibidem). Este contexto internacional e regional de grandes mudanças favoreceu a paz e o desenvolvimento da cooperação entre as nações, com isso, buscou-se um maior fortalecimento dos os países vizinhos através de uma amizade, cooperação e confiança mútuas entre os países do Shanghai Five (ibidem).

O mecanismo do Shanghai Five é ampliado, em 2001, para a Organização de Cooperação de Xangai, e passa a incluir como uma das principais metas o aumento da cooperação militar e de contraterrorismo, a partilha de informações entre seus países membros - China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão e Uzbequistão e dois países aderentes, a Índia e Paquistão –, intensificar seu foco econômico regional, buscando uma maior estabilidade política, com a criação de duas instituições – o Cinturão Econômico da Rota da Seda liderada pela China e a União Econômica Eurásiana, liderada pela Rússia e, por fim, uma luta contra terrorismo e extremismo (OLIKER et. al, 2009).



Figura 12 – Mapa da Organização de Cooperação de Xangai, em 2009, com os países membros, observadores e os em diálogo no período. Fonte: Russia and SCO to admit four new members, (2014)³².

The content of the negotiations was expanded to encompass a broad exchange of opinions on political, economic, diplomatic, military, and security issues as well as military problems pertaining to the border zones of the five countries. During the negotiations, the positions of the parties moved toward agreement, the parties expressed support for one another, and real cooperation among them developed”.

³² Disponível em: <https://defence.pk/pdf/threads/russia-and-sco-to-admit-four-new-members.328532/page-3>.

Em 2016, durante a reunião anual dos Chefes de Estados dos países membros da OCX³³, os ministros decidiram apresentar a assinatura de memorandos sobre as obrigações de adesão da organização à Índia e o Paquistão para a obtenção do estatuto dos Estados membros da OCX. Já em 2017, na declaração de Astana³⁴, os Chefes de Estado observaram que ambos Estados cumpriram os memorandos de compromisso e, assim, aprovaram as decisões do Conselho de Chefes de Estado da OCX sobre a concessão do status de Estados membros aos dois países.

Um dos focos principais do Shanghai Five, que depois permanece como uma questão central dentro da OCX, foi a situação do Afeganistão, como mencionado na sessão 1.1.1, onde uma guerra civil havia surgido entre a Coalizão do Norte e o Talibã (GERMANOVICH, 2008). Os membros da OCX perceberam a necessidade do estabelecimento de um sistema antidrogas de segurança ao longo das fronteiras afegãs para que fosse dificultada a saída de tais produtos ilícitos. Em 2009, por exemplo, a Rússia iniciou uma conferência internacional sobre a questão do Afeganistão. Durante a conferência foi aprovado um plano de ação envolvendo os membros da OCX e o próprio Estado afegão na luta contra o terrorismo, crime organizado e o comércio de drogas ilegais (BAIZAKOVA, 2013).

A arena afegã tem um significado especial em termos de segurança e estabilidade regional, porque muitas dessas ameaças são originárias do Afeganistão. A guerra no Afeganistão representa um grande obstáculo ao desenvolvimento da cooperação econômica regional e à realização do rico potencial de trânsito da Ásia Central.

O conflito no Afeganistão e as ameaças que emanam desse país obrigam os estados da região a tomar medidas adicionais para fortalecer sua segurança. Entre as ferramentas disponíveis para esta missão, os estados da Ásia Central dispõem de instituições como a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (CSTO) e a OCX, que também exigem fortalecimento institucional e reformatação estratégica. (BAIZAKOVA, 2013. P.69)³⁵.

³³ The Astana declaration of the Heads of State of the Shanghai Cooperation Organisation. 2017. Disponível em: <http://eng.sectesco.org/documents/>.

³⁴ Ibidem.

³⁵ No original: “The Afghan arena has particular significance in terms of ensuring regional security and stability, because many of these threats originate in Afghanistan. The war in Afghanistan poses a major obstacle to the development of regional economic cooperation and to the realization of the rich transit potential of Central Asia. The conflict in Afghanistan and the threats emanating from that country compel the states in the region to take additional measures to strengthen their security. Among the tools available for this mission, the Central Asian states have at their disposal such institutions as the Collective Security Treaty Organization (CSTO) and the SCO, which also require institutional strengthening and strategic reformatting”.

A OCX mostra interesse em um Afeganistão estável, já que todos os seus Estados membros lidaram com a questão do terrorismo na última década - a China (Figura 13) com os Uigers em Xingjian, a Rússia (Figura 14) com os chechenos e outros extremistas na região sul, o Uzbequistão e o Quirguistão com o grupo terrorista IMU – como foi mostrado no capítulo anterior. (GERMANOVICH, 2008).

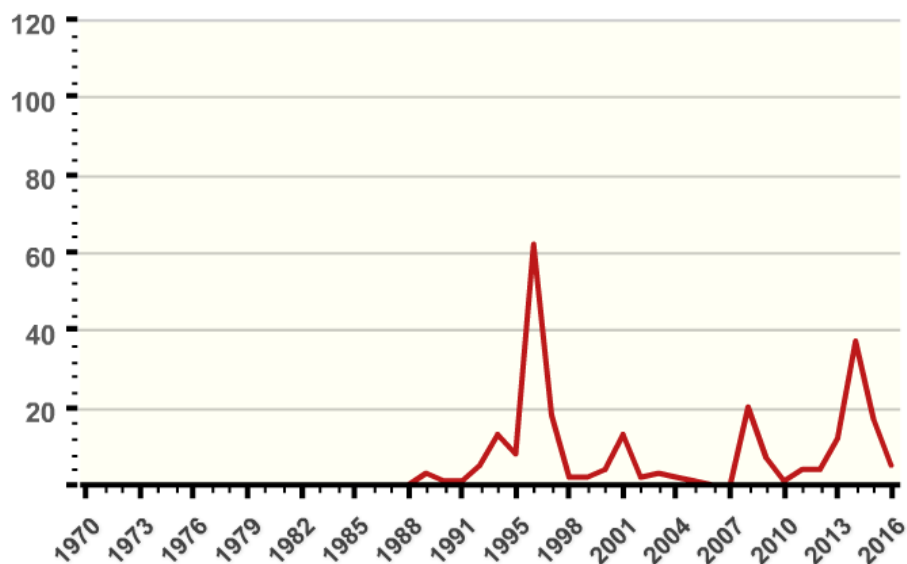


Figura 13 – Gráfico da Quantidade de Ataques Terroristas na China entre os anos de 1970 a 2016. Total de 247 Incidentes. Fonte: Global Terrorism Database (2017)³⁶.

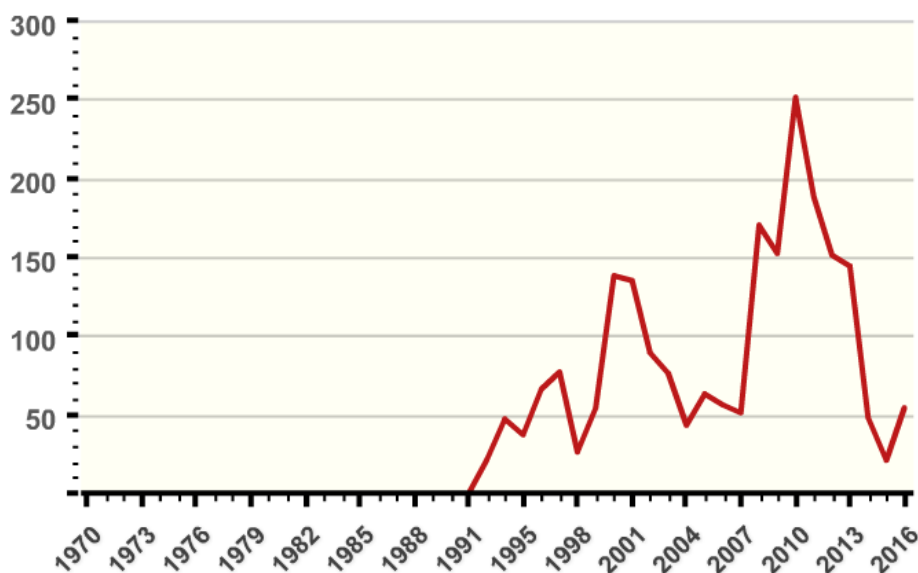


Figura 14 – Gráfico da Quantidade de Ataques Terroristas na Rússia entre os anos de 1970 a 2016. Total de 2.158 Incidentes. Fonte: Global Terrorism Database (2017)³⁷.

³⁶ Disponível em: <http://www.start.umd.edu/gtd/search/Results.aspx?country=44>. Acessado em 16/11/17.

³⁷ Disponível em: http://www.start.umd.edu/gtd/search/Results.aspx?chart=overtime&casualties_type=&casualties_max=&country=167. Acessado em 16/11/17.

As agendas negociadas no mecanismo do Shanghai Five se expandiram gradualmente até cobrir áreas mais abrangentes como política externa, economia, cultura e proteção ambiental, juntamente com o uso dos recursos hídricos disponíveis. Isso fez com que a necessidade de formalização do sistema de cúpulas e consultas ficasse ainda mais evidente. Este cenário acarretou na transformação do Shanghai Five em um mecanismo de cooperação regional multilateral – a Organização de Cooperação de Xangai (BAIZAKOVA, 2013).

A Organização de Cooperação de Xangai – que tem desempenhado um papel cada vez mais importante na manutenção da segurança e estabilidade regionais e na aceleração do desenvolvimento econômico dos Estados – apresenta como um de seus objetivos regionais principais o combate aos tidos três males o terrorismo, o separatismo e o extremismo crescente dentro do território euroasiático (ibidem). Uma vez que tais objetivos sejam alcançados, as metas passam a ser ampliadas para áreas de relações econômicas intensificadas e desenvolvimento de infraestrutura, como corredores de transporte e novas rotas de oleodutos (DADABAEV, 2014).

Além do que já foi descrito acima, em sua Carta³⁸, assinada em São Petersburgo, 07 de junho de 2002, a Organização coloca, no Artigo 1, como objetivos e tarefas, medidas como o reforço a confiança mútua, amizade e boa vizinhança entre os membros, o desenvolvimento da cooperação multilateral na manutenção e fortalecimento da paz, estabilidade e segurança da região e a promoção de uma ordem política/econômica internacional nova que seja mais justa e racional.

Tal documento conta ainda com a luta contra entrada e transporte de ilícitos e outros tipos de atividades de cunho criminal transnacional – contentando também a migração ilegal –, facilitação de um crescimento econômico abrangente e equilibrado, junto com o desenvolvimento sociocultural na região, por meio de ações conjuntas que tenham como base parcerias iguais voltadas para um aumento dos padrões de vida e melhoria das condições de vida das populações dos Estados membros. E, por fim, há a busca por uma cooperação na prevenção de conflitos internacionais e na busca por soluções pacíficas de tais.

Apesar de ser uma organização relativamente nova, a OCX tem realizado exercícios militares na região. Podemos citar como exemplo a "Missão de Paz 2007" (HAAS, 2007)

³⁸ Charter Of The Shanghai Cooperation Organization (2002). Disponível em: <http://eng.sectsco.org/structure/#6>. Acessado em 09/10/17.

que envolveu cerca de 6.500 soldados e 80 aviões (GERMANOVICH, 2008). Muitos analistas viram tal exercício como sendo um plano de contingência para um possível cenário onde os Estados membros da organização interviriam militarmente para auxiliar algum outro país da região que estivesse sofrendo ataques terroristas ou insurgências.

A maior parte dos exercícios feitos pela OCX possuem um duplo caráter militar - primeiro focando em desenvolver e reforçar a interoperabilidade e capacidades multinacionais de Controle e Comando e segundo, objetivando conduzir treinamento antiterrorista – e caráter político com a China buscando provar sua capacidade de coordenar mecanismos de segurança multilaterais e a Rússia fortalecendo seu controle externo (GERMANOVICH, 2008).

A Carta da OCX, adotada em 2002 em uma cúpula em São Petersburgo, especifica as metas e tarefas prioritárias da organização:

- Fortalecer a confiança mútua, a amizade e a vizinhança entre seus membros;
- Desenvolver uma cooperação *multiprofile* com vista a manter e fortalecendo a paz, segurança e estabilidade na região e ajudando na construção de uma nova política e política democrática, justa e racional ordem internacional econômica; e
- Agir em conjunto contra o terrorismo, o separatismo e o extremismo em todas as suas manifestações e combater os tráficos de drogas e armas ilegais, outras formas de criminalidade transnacional e migração ilegal.

Este documento também especifica tarefas que promovem a cooperação política e econômica e social e a cooperação em cultura e humanidades. Mas questões de estabilidade e segurança ocupam o primeiro lugar, o que reflete o acordo dos membros sobre o trabalho da organização. (BAIZAKOVA, 2013. P.65 e 66)³⁹.

Não podemos deixar de citar nesta dissertação os aspectos e aspirações econômicas presentes na OCX. O encorajamento da cooperação e desenvolvimento econômicos entre os membros da organização já estavam presentes desde Shanghai Five. Podemos citar como exemplos dessa questão o Programa de Comércio e Cooperação Econômica Multilateral da

³⁹ No original: “The SCO Charter, adopted in 2002 at a summit in St. Petersburg, specifies the priority goals and tasks of the organization:

- to strengthen mutual trust, friendship, and neighborliness among its members;
- to develop multiprofile cooperation with a view to maintaining and strengthening peace, security, and stability in the region and assisting in the construction of a new democratic, just, and rational political and economic international order; and
- to act jointly against terrorism, separatism, and extremism in all their manifestations and to fight the illegal drug and arms trades, other forms of transnational crime, and illegal migration.

This document also specifies tasks that promote political, economic, and social cooperation and cooperation in culture and the humanities. But issues of stability and security occupy first place, which reflects the members’ agreement regarding the organization’s work.

OCX, aprovado em 2003, por um período de vinte anos, que apresenta uma importante fonte de orientação para o desenvolvimento da cooperação econômica interestadual na região e, o OCX Energy Club, aprovado em 2004, que deu a este componente da cooperação uma forma mais institucional (BAIZAKOVA, 2013).

A OCX expressa também, a longo prazo, o desejo da criação de uma zona de livre comércio na região que abrange os seus Estados membros. Já a curto prazo, o aumento do fluxo de mercadorias na mesma. Espera-se que tal cooperação abranja áreas como a energética, de transporte, agricultura, proteção ambiental e telecomunicações (ibidem). Há, também, dentro da organização a questão sobre a cooperação em cultura e humanidades apesar de, até 2008, tal assunto permanecer pouco desenvolvido (ibidem).

Pode-se citar também como um dos interesses da OCX é o desejo de limitar o poder norte-americano na região. Analistas chineses temem uma expansão dos EUA em seu território - com ativos navais e bases terrestres do Oceano Pacífico até a Ásia Central – já que no cenário de um confronto entre os EUA teriam acesso facilitado a toda Ásia Central. Muitos analistas ocidentais, por outro lado, descrevem a OCX como um bloco político e militar liderado pela Rússia e a China antiocidentais contra os interesses dos EUA na região (DADABAEV, 2014).

Durante o primeiro mandato como presidente de Vladimir Putin (2000 a 2008), o governo russo procurou expandir suas relações bilaterais dentro do sistema internacional. Buscou-se maior estabelecimento e manutenção de uma teia de relações com as principais potências asiáticas, na tentativa de moderar a dinâmica de domínio norte-americano pelo mundo. Nesse momento pós-guerra o mundo se reorganizava com as potências europeias enfraquecidas e os EUA emergindo como única potência mundial, com pretensões globais de expansão de sua influência pelo sistema internacional.

O governo russo, deparando-se com esse contexto internacional, percebe a necessidade de expandir sua influência pela região da Ásia. Questões regiões passaram a ser inseparáveis das questões de segurança russa, já que este país pode ser considerado hoje como o estado mais forte no espaço pós-soviético em termos militares e políticos (BAIZAKOVA, 2013).

Para a Rússia, também, a participação no trabalho da OCX é uma tarefa de política externa de alta prioridade. Além de manter sua autoridade no mundo e preservar sua influência na região, a Rússia também busca objetivos puramente pragmáticos - defesa de suas fronteiras contra a possível penetração do extremismo a partir do Afeganistão e o desdobramento de suas tropas na Ásia Central. Novas tendências na situação geopolítica

na Ásia Central marcam uma nova etapa nas relações da Rússia com a região, uma baseada em igualdade de parceria. (BAIZAKOVA, 2013. P.72)⁴⁰.

Questões como a busca por maior desenvolvimento econômico e militar, aumento de influência regional e global, comércio, poderios militares, entre outros, também devem ser considerados quando analisamos tal cooperação. Além disso, a situação instável do governo afegão e elementos de instabilidade na região fronteiriça de Xinjiang, faz crescer a vontade de cooperação entre os estados da Ásia Central (BAIZAKOVA, 2013).

Assim, a Rússia busca expandir suas parcerias na região. Uma dessas parcerias foi a criação do chamado “Triângulo Estratégico”, uma união de forças entre China, Rússia e Índia. Muito autores atribuem à questão do contrabalanceamento da influência norte-americana na região como fator principal para o surgimento desta cooperação trilateral. (GANCHENG, 2009). Mas, apesar de tal influencia ser um ponto fundamental, não deve ser considerado o único. Rússia, China e Índia, buscam unir suas forças dentro de um contexto internacional diversificado e globalizado.

Segundo Gancheng (2009), o receio à hegemonia dos Estados Unidos na região nunca foi o princípio fundamental do desenvolvimento dessa relação trilateral. Devido à aproximação fronteiriça e a semelhança de suas economias de mercados emergentes, os três países possuem desafios que os interligam.

Assim como há temas que unem estes três países – por exemplo, a busca por uma maior autonomia estratégica e pontos de vistas semelhantes em assuntos como terrorismo, Iraque, ONU e segurança regional – há também alguns aspectos nestas relações que acabam colocando restrições à evolução de tal cooperação, pontos como diferenças na história, cultura, valores, sistema político e nível de desenvolvimento econômico (GANCHENG, 2009).

Um dos aspectos mais críticos da cooperação do triângulo, é a relação bilateral sino-indiana incerta (PANT, 2006). As relações entre estes dois países nem sempre foram amigáveis, já que para os interesses indianos, a China quase sempre constitui uma ameaça com seus esforços para manter um equilíbrio de poder no sul da Ásia. Podemos citar como exemplo a questão do Paquistão, onde a China, visando impedir que a Índia ganhasse

⁴⁰ No original: “For Russia, too, participation in the SCO’s work is a high-priority foreign policy task. Besides maintaining its authority in the world and preserving its influence in the region, Russia also pursues purely pragmatic goals—defense of its borders against the possible penetration of extremism from Afghanistan and deployment of its troops in Central Asia. New tendencies in the geopolitical situation in Central Asia mark a new stage in Russia’s relations with the region, one based on equal partnership”.

vantagens, forneceu ajuda ao Paquistão em questões como armas nucleares e programas de mísseis balísticos, contrabalanceando assim a capacidade de desenvolvimento indiano de criação de novos sistemas de armas (ibidem). A preocupação indiana com o Paquistão reduziria então a capacidade do país de competir com a China nos âmbitos regionais e globais.



Figura 15 – Mapa Contendo os países Paquistão, Índia e China (2017). Fonte: Modificado - Google Maps⁴¹.

A Índia conta ainda com a preocupação da rápida modernização militar chinesa possibilitada por seu rápido crescimento econômico. Este desenvolvimento militar permite que a China se projete ainda mais no Oceano Índico, o que pode trazer sérias consequências estratégicas para a Índia já que nesta região o país apresenta vantagens geográficas tradicionais (ibidem). Apesar do avanço nas relações bilaterais entre estes dois países, os problemas continuam substanciais e complicados, já que estamos falando de duas grandes potências asiáticas com pretensões globais e interesses conflitantes.

Apesar destas diferenças, a China e a Índia encontram convergências no plano internacional em áreas importantes como intercâmbios culturais e militares e cooperação científica e tecnológica. A questão militar sempre foi um ponto sensível dessa relação, mas

41

Disponível em:
<https://www.google.com.br/maps/place/China/@25.2377958,70.5459058,4z/data=!4m5!3m4!1s0x31508e64e5c642c1:0x951daa7c349f366f!8m2!3d35.86166!4d104.195397>. Acessado em: 16/11/17.

que vem encontrando espaço nos últimos anos. Um exemplo disso foi a realização de exercícios navais conjuntos na costa de Xangai em 2004 (ibidem).

O conceito de um triângulo estratégico refere-se a uma relação triangular entre três estados que podem ter um grande impacto sobre o equilíbrio de poder regional e / ou global. Um triângulo estratégico pode, no entanto, assumir várias formas - dois dos três estados no triângulo podem decidir equilibrar o terceiro, todos os três estados podem decidir trabalhar em conjunto para equilibrar um adversário mais poderoso, ou cada um dos três pode trabalhar contra o outro na tentativa de se tornar o poder predominante. (PANT, 2006. P. 55)⁴².

Apesar dessas diferenças e pontos incertos dentro da cooperação, todos os três países reconhecem que essas interações são de importância estratégica e precisam existir devido ao potencial destes e seu status na comunidade internacional. Além disso, os três compartilham interesses em áreas como antiterrorismo, combate ao contrabando de drogas e o extremismo, assuntos em que a cooperação multilateral se tornam muito mais eficazes. (GANCHENG, 2009).

A aproximação entre China e Rússia não é algo estritamente novo, apesar de nem sempre manterem relações estáveis, desde os anos 1950 os dois países já mostram compartilhar ideias e valores centrais dentro de suas políticas externas (PANT, 2006). O desmantelamento da União Soviética e o fim da Guerra Fria fizeram com que houvesse uma nova reformulação das relações bilaterais entre Rússia e China.

Uma das principais características da política doméstica nesse período foram a priorização da construção econômica da China e a consolidação de um estado independente na Rússia, no Cazaquistão, no Quirguistão e no Tajiquistão (BAIZAKOVA, 2013). A China foi um dos primeiros países a reconhecer diplomaticamente a Rússia e expressar clara vontade de melhoria e aprofundamento das relações entre os países e a Rússia, seguindo a mesma vontade, adotou uma atitude favorável ao registro dos direitos humanos da China e Taiwan.

Em 1989, China e a então União Soviética assinam o Acordo sobre a Seção Oriental da fronteira estadual sino-soviética. Nele, as partes concordam em diminuir suas presenças militares dentro de uma zona de 100 quilômetros adjacente à fronteira até um nível que

⁴² No original: “The concept of a strategic triangle. refers to a triangular relationship among three states that can have a major impact on regional and/or global balance of power. A strategic triangle can, however, take various forms. two of the three states in the triangle can decide to balance the third, all three states can decide to work together to balance a more powerful adversary, or each of the three can work against the other in an attempt to become the predominant power”.

correspondesse às relações normais de vizinhança entre os dois países, para assim facilitar a atividade econômica pacífica na zona fronteiriça (BAIZAKOVA, 2013).

Este evento pode ser considerado a inauguração oficial do processo de Shanghai Five, porque as questões de redução do número de tropas da fronteira e o fortalecimento das medidas de fortalecimento da confiança militar, então na agenda, foram os primeiros itens da agenda de uma nova organização – o fórum Shanghai Five. A interação entre os Cinco de Xangai cresceu diretamente do desenvolvimento doméstico de cada país, bem como a situação na região e no mundo como um todo. (BAIZAKOVA, 2013. P.60)⁴³.

Tal aproximação é ainda intensificada à medida que as relações de ambos países com os Estados Unidos, ao final dos anos 90, começam a se deteriorar com a China mostrando certa preocupação sobre as tentativas norte-americanas de interferir em assuntos domésticos de outros países soberanos e a Rússia vendo a crescente expansão da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) até suas fronteiras como forte ameaça (PANT, 2006). Tanto a China quanto a Rússia veem os Estados Unidos como um fator desestabilizador dentro da Ásia Central e se opõem veementemente às tentativas norte americanas de democratização na região (OLIKER et. al, 2009).

Ambos os países têm tentando buscar, dentro do sistema internacional, a construção de uma ordem mundial multipolar mais justa e democrática, baseada nos princípios universais do direito internacional. Para atingir tal objetivo os dois países têm mostrado uma tendência de aumento das relações bilaterais (PANT, 2006). No que diz respeito à esta relação, a OCX surge como um produto logico da melhoria do relacionamento dos dois países e, de certa forma, institucionaliza tal parceria estratégica (SAHAI, 2002).

A Rússia e a China cooperam em áreas de defesa e tecnologia militar, com, a curto prazo, o governo chinês sendo um dos principais compradores de armamento russo e, ao longo prazo, com o desenvolvimento de pesquisas e desenvolvimento conjuntos e produção de equipamentos militares (OLIKER et. al, 2009). E cooperam também na área econômica, com especial atenção, por parte da Rússia, na promoção de comércio de bens e serviços e na cooperação no setor energético.

⁴³ No original: “This event may be considered the official inauguration of the Shanghai Five process, because the questions of reducing the number of border troops and strengthening military confidence-building measures, then on the agenda, were the first items on the agenda of a new organization—the Shanghai Five forum. The interaction among the Shanghai Five grew directly out of each country’s domestic development, as well as the situation in the region and in the world as a whole”.

Outra forte preocupação sino-russa é em relação à segurança internacional, questões como Iraque, Irã, Coreia do Norte e regimes de não-proliferação e controle de armas, tomaram forma dentro das agendas internacionais de segurança desses países (PANT, 2006). Para lidar com essa temática ambos países buscaram definir estratégias comuns, incluindo a criação de organizações multilaterais como a OCX, além de apoiarem-se em foros internacionais, sobre questões como defesa de mísseis, terrorismo, soberania e extremismo territorial e, realizarem exercícios militares conjuntos (OLIKER et. al, 2009).

As relações bilaterais entre Rússia e Índia, assim como no caso da China, não são recentes. Não que os dois países possuam divergências como no caso sino-indiano, o ponto está no fato de tais relações bilaterais não serem tão intensas e consubstanciais, constituindo um possível elo mais fraco deste triângulo (PANT, 2006).

Após o 11 de Setembro, o cenário internacional passa por intensas transformações, tanto em relação às regras da política internacional quanto na questão da interação econômica entre as nações. Um exemplo disso, é a Declaração dos Chefes de Governos nos Estados-Membros da OCX⁴⁴, em que nela os Estados declaram que:

Os ataques terroristas sem precedentes cometidos em 11 de setembro de 2001 nos EUA que resultaram na morte de milhares de pessoas inocentes, nos causam a mais profunda indignação e ressentimento. (...) O terrorismo internacional tornou-se uma séria ameaça para toda a humanidade. Os trágicos acontecimentos nos EUA mostraram que não observam mais limites nacionais ou morais. Este mal pode ser destruído apenas através dos esforços combinados de todos os estados. (Statement By The Heads Of Government Of The Member-States Of The Shanghai Cooperation Organization. 2001. P. 01)⁴⁵.

Apesar destas fortes mudanças, as relações indo-russas conseguem manter-se em relativo equilíbrio com ambos países compartilhando valores em questões como promoção da multipolaridade na política global, terrorismo, proliferação nuclear e questões de segurança na Ásia do Sul, Central e Oeste (PANT, 2006).

As relações bilaterais entre os dois países possuem como principal elemento a questão da defesa (PANT, 2006). Este aspecto da relação conta com um comércio de armas considerável, sendo a Rússia um dos maiores fornecedores de produtos de defesa para a

⁴⁴ Statement By The Heads Of Government Of The Member-States Of The Shanghai Cooperation Organization. Disponível em < <http://eng.sectso.org/documents/> >. 2001.

⁴⁵ No original: The unprecedented terrorist attacks committed on September 11, 2001 in the US that resulted in the deaths of thousands of innocent people, cause us the deepest indignation and resentment (...) International terrorism has become a serious threat to all humanity. The tragic events in the US have shown that it observes no national or moral limits. This evil can be destroyed only through the combined efforts of all states.

Índia, com a promoção conjunta de pesquisas, projetos e desenvolvimento dentro desta área e, ainda, com a Rússia apoiando a Índia em questões fundamentais como cooperação em tecnologia de armas sofisticadas, uso pacífico do espaço e energia atômica. (OLIKER et. al, 2009).

Tal relação, porém, tem como aspecto desafiador as questões econômicas e comerciais, muito por causa do compromisso da Índia com o não-alinhamento e sua difícil relação com a China (OLIKER et. al, 2009). A Rússia, com o objetivo de mudar esse cenário, tem tomado medidas como a busca do aprofundamento da sua relação com o Estado indiano através da atração de investidores indianos, o uso da dívida da Índia para financiar projetos na área de telecomunicações, alumínio e tecnologia da informação. Como já foi mostrado nesta dissertação, a Rússia tem buscado expandir seu comércio, incluindo seus pilares de vendas de energia e armas, em toda a Ásia (PANT, 2006).

A Índia e a Rússia, em várias questões tanto regionais como globais, compartilham valores e opiniões. Ambos países deixam claras suas posições contra as tendências unilaterais norte americanas e buscam fazer da ONU um fórum adequado para lidar com questões estratégicas de paz e segurança. Os dois países também partilham opiniões sobre interesses geopolíticos, na região da Ásia Central, sobre questões como extremismo religioso, terrorismo, tráfico de drogas, crime organizado, contrabando de armas, entre outros (PANT, 2006).

Para os países membros da OCX, a regionalização funcional e agrupamentos de base regional simbolizaram arranjos de cooperação mais atraentes do que mecanismos anteriores, como a CEI - Comunidade dos Estados Independentes (DADABAEV, 2014). A CEI, após o colapso da União Soviética, tentou promover a cooperação entre os países da Ásia Central com base na ideia de um patrimônio histórico comum, interconectividade das estruturas econômicas e iguais buscas pelo desenvolvimento. Estes esforços, porém, não conseguiram uma cooperação que fosse de fato construtiva, efetiva e que refletisse as diferenças nas aspirações e abordagens dos países participantes em determinadas questões (ibidem).

Consequentemente, essas diferenças resultaram em um grande número de acordos não cumpridos. Esses acordos não cumpridos traduziram-se em ressentimento dos Estados pós-soviéticos, inclusive os da Ásia Central, em direção aos esquemas de cooperação, que são grandes e difíceis de gerenciar. A maioria dos antigos consórcios soviéticos agora optam por esquemas regionais e sub-regionais, o que levou a acordos menores, mais focados e menos abrangentes, como exemplificado pelos quadros da OCX, da

Isso mostra como os países da região, membros da OCX, perceberam que, muitas vezes, abordagens mais focadas e claramente definidas respondem de forma mais eficiente à complexidade da situação regional. Com isso, o sucesso da OCX pode ser atribuído ao que Dadabaev (2014) chama de uma abordagem mais funcionalista dos problemas regionais. Segundo o autor, a organização tenta passar uma mensagem, com sucesso, de que a cooperação, seja em qualquer região, deve primeiro se concentrar em uma ou duas áreas específicas e somente depois de alcançar certo sucesso nos objetivos preliminares pode avançar para outras áreas e níveis de cooperação, assumindo novas responsabilidades.

Segundo sua declaração de Astana (2017), a Organização de Cooperação de Xangai estabeleceu-se como uma associação multilateral cujas atividades visam manter a segurança e a estabilidade dentro do espaço que une os Estados membros. A OCX, desde sua criação, é uma organização orientada internamente para sua região em relação aos desafios que a mesma sofre sobre segurança e estabilidade.

Os sistemas políticos estabelecidos na OCX são diferentes dos sistemas mais autoritários, esta busca abordar questões sobre o combate dos desafios e ameaças emergentes regionais conjuntamente, fornecendo assim, uma visão regionalmente coordenada. Na sessão a seguir será mostrado como este sistema político interno se constituiu e quais as medidas de segurança, ou seja, contraterrorismo, que a organização adota de fato.

⁴⁶ No original: Consequently, these differences resulted in a large number of unfulfilled agreements. These unfulfilled agreements then translated into resentment from the post-Soviet states, including those in CA, towards cooperation schemes, which are large and difficult to manage. The majority of former Soviet constituencies now opt for regional and sub-regional schemes, and this has led to smaller, more focused and fewer all-encompassing agreements, as exemplified by the frameworks of the SCO, the Eurasian Economic Community and the Customs Union between Russia, Belarus and Kazakhstan.

3. MEDIDAS DE CONTRATERRORISMO DA ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO DE XANGAI

Antes de partirmos para as medidas de contraterrorismo adotadas pela Organização de Xangai, se faz necessário um breve entendimento sobre o que é contraterrorismo em si e a forma como tal organização é estruturada.

3.1. CONTRATERRORISMO

Como foi mostrado no capítulo um as definições sobre Terrorismo são amplas. O mesmo ocorre com as definições sobre as formas de lutas contra o terrorismo. São utilizados termos como Antiterrorismo, que pode ser considerado como amplamente defensivo e de segurança interna envolvendo a aplicação da leis e medidas judiciais nacionais, assim como a proteção das infraestruturas críticas dos Estados. E, há também, o termo Contraterrorismo, que possui um caráter mais transnacional, envolvendo a criação de mecanismos de defesa dos interesses nacionais no estrangeiro, isto é, medidas militares que ultrapassam as fronteiras nacionais (SINAI, 2008).

Com o aumento das incidências de ataques terroristas pelo mundo diversos países passaram a investir dezenas de bilhões de dólares em medidas defensivas visando o fortalecimento de medidas de segurança nacionais e pontos estratégicos em suas fronteiras. A Figura 16 mostra os incidentes ocorridos, de modo mais focal, na Ásia Central. Tais medidas podem incluir, por exemplo, medidas de cunho externo, como a ajuda externa para reunir inteligência e a intensificações de ações contra tráficos e contrabandos – que o dinheiro obtido em tais transações ilegais financia, muitas vezes, organizações terroristas – e, medidas internas como, por exemplo, instalação de detectores de metais em aeroportos (SANDLER, 2010).

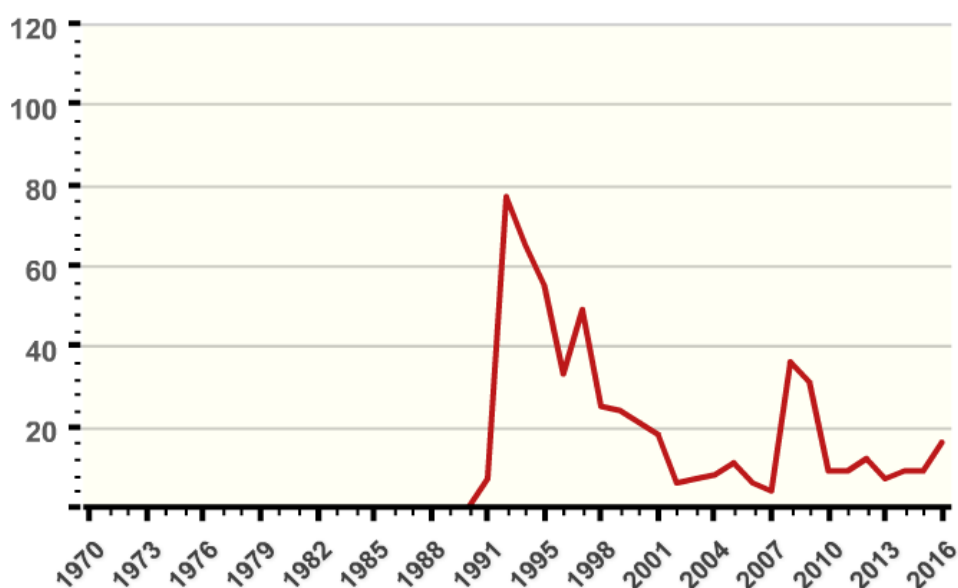


Figura 16 - Incidentes Terroristas na Região da Ásia Central entre os anos de 1970 a 2016. Total de 554 Incidentes. Fonte: Global Terrorism Database⁴⁷.

Medidas de Contraterrorismo são, geralmente, lideradas por autoridades nacionais e podem incorporar aspectos de diplomacia, inteligência, tecnologia, militares, economia, legislativa e de policiamentos (REDING, et al. 2014). Devido ao caráter transnacional do terrorismo, uma medida eficaz de contraterrorismo que um Estado pode tomar é a cooperação internacional.

O compartilhando de informações, exercícios militares e operações em solo conjuntas tornam as medidas de combate ao terror mais efetivas e são consideradas, internacionalmente, como uma maneira mais ética de lidar com tal questão, já que para tomar decisões importantes sobre o combate ao terror, os Estados escolhem trabalhar em conjunto (ibidem). É sobre esse pensamento que OCX surge, a união de forças contra um mal comum mundial.

A Figura 17 mostra a adaptação de métodos para apoiar as tomadas de decisões éticas de contraterrorismo. Nela são mostradas as características necessárias quando medidas de contraterrorismo são tomadas.

⁴⁷ Disponível em <<http://www.start.umd.edu/gtd/search/Results.aspx?region=7>>. Acessado em 15/11/17.

Características do contexto de tomada de decisão de contraterrorismo	Descrição	Implicações para adaptar métodos	Exemplos de métodos relevantes
Sigilo: disponibilidade limitada de indivíduos que podem estar envolvidos no processo de tomada de decisão ética	As informações relacionadas ao contraterrorismo geralmente podem ser compartilhadas apenas com um número limitado de indivíduos, dada a natureza sensível ou classificada de grande parte dessa informação. Isso reduz o número de perspectivas que informam o que constitui tomada de decisão ética em contraterrorismo.	<ul style="list-style-type: none"> - Consequência: ênfase no fortalecimento de métodos para uso interno - Necessidade de: disponibilidade de métodos envolvendo externos 	<ul style="list-style-type: none"> - Mentores, consultores de ética e assessores jurídicos - Parcerias com acadêmicos selecionados e acesso privilegiado a comitês de supervisão
Preferência pela eliminação do risco: possibilidade de restringir desproporcionalmente as liberdades civis para proteger a segurança dos cidadãos	A natureza de baixa frequência, mas de alto impacto, de ataques terroristas pode levar à preferência pela eliminação de riscos em detrimento das liberdades civis.	<ul style="list-style-type: none"> - Consequência: ênfase em métodos para verificar a prática com orientação - Necessidade de: disponibilidade de métodos para revisar a orientação 	<ul style="list-style-type: none"> - Liderança - Comitês de supervisão
Colaboração extensiva: trabalho conjunto com organizações e países que possuem diferentes práticas e políticas.	A tomada de decisões no contraterrorismo requer colaboração nacional e internacional, o que pode levar a tensões quanto ao que é considerado ético.	<ul style="list-style-type: none"> - Consequência: ênfase em políticas consistentes - Necessidade de: disponibilidade de orientação para a resolução de diferenças nas práticas de colaboração 	<ul style="list-style-type: none"> - Treinamento, orientação e conselho - Lista de verificação

Sensibilidade do tempo: exigência de tomar decisões de forma independente, rápida e com base em informações imperfeitas.	Algumas situações no contraterrorismo exigem uma ação urgente e independente com base em informações imperfeitas, apesar das potenciais implicações para as liberdades civis centrais.	- Consequência: ênfase na construção da competência dos indivíduos para tomar decisões éticas de forma independente - Necessidade de: disponibilidade de métodos de acesso instantâneo	- Recrutamento, orientação e treinamento focados em ética - Lista de verificação
--	--	---	---

Quadro 01 - Adaptação de métodos para apoiar a tomada de decisões éticas contra o terrorismo.

Adaptado de REDING et al. (2014. P. 42).

Essas características incluem o sigilo, a preferência pela eliminação do risco, a ampla colaboração, tanto nacional quanto internacional e, a tomada de decisões em algumas situações diante de sensibilidade do tempo (ou prazo). Cada uma dessas características demanda certas implicações, como é mostrado no quadro. A adoção de medida de contraterrorismo acarreta várias questões éticas como, por exemplo, a determinação de legitimidade e/ou a adequação de uma determinada intervenção com base em informações obtidas que sejam imperfeitas ou incompletas.

Para que se possa entender as medidas de contraterrorismo adotadas pela OCX desde sua criação, antes, precisa-se analisar a forma como ela é hierarquizada e estruturada.

3.2. ESTRUTURAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO DE XANGAI E SUAS MEDIDAS DE CONTRATERRORISMO

Muitos estudiosos, quando analisam a Organização de Cooperação de Xangai, concentram-se na perspectiva de análise institucional, abordando as instituições que levaram a sua formação – como o Shanghai Five - e questões mais processuais sobre seu funcionamento. Tais analistas enfatizam, muitas vezes, as estruturas do OCX, o princípio do "Espírito de Xangai" de tomada de decisão e o voto por consenso como sendo os elementos decisivos ao funcionamento efetivo da organização (DADABAEV, 2014).

Desde a sua formação em 2001, a organização completou a sua transição organizacional do Shanghai Five e estabeleceu uma nova base para reforçar ainda mais a cooperação em matéria de segurança (MCDERMOTT, 2012). Este processo implicou a

construção de alguns mecanismos organizacionais, estabelecimento de seu secretariado e a chamada The Regional Anti-Terrorist Structure (RATS), desenvolvendo mecanismos facilitadores de reuniões entre Estados membros, assinatura de documentos relacionados, e acordos que regulamentava a participação de Estados observadores e parceiros de diálogo (ibidem).

Quando a OCX surge com seu lema de “fortalecer a confiança mútua e as relações de boa vizinhança e amizade entre os Estados membros em política, economia, comércio, ciência, tecnologia, cultura, educação, energia, transporte, proteção ambiental e outros campos” (SAHAI, 2002), e com o objetivo de desenvolver ainda uma multipolaridade política. Ela se divide entre os Órgãos Permanentes e os Mecanismos de Reuniões.

A seguir, há duas figuras que ajudam no esclarecimento sobre a forma como a OCX se organiza e é constituída. Na primeira (Figura 17), sobre a estrutura da organização, percebe-se que a mesma se bifurca em dois organismos centrais, os Órgãos Permanentes e os Mecanismos de Reuniões. O primeiro, conta com o Secretariado e Estrutura de Antiterrorismo (RATS) e, a segunda, conta com o conselho de Chefes de Estados, assim como o Conselho de Chefes de Governos. Na segunda Figura 18, podemos ter uma melhor noção de como tais organismos se hierarquizam dentro da organização. Onde, tanto RATS, quanto as Reuniões de Ministros e o Conselho de Chefes de Governo respondem ao Conselho de Chefes de Estados.

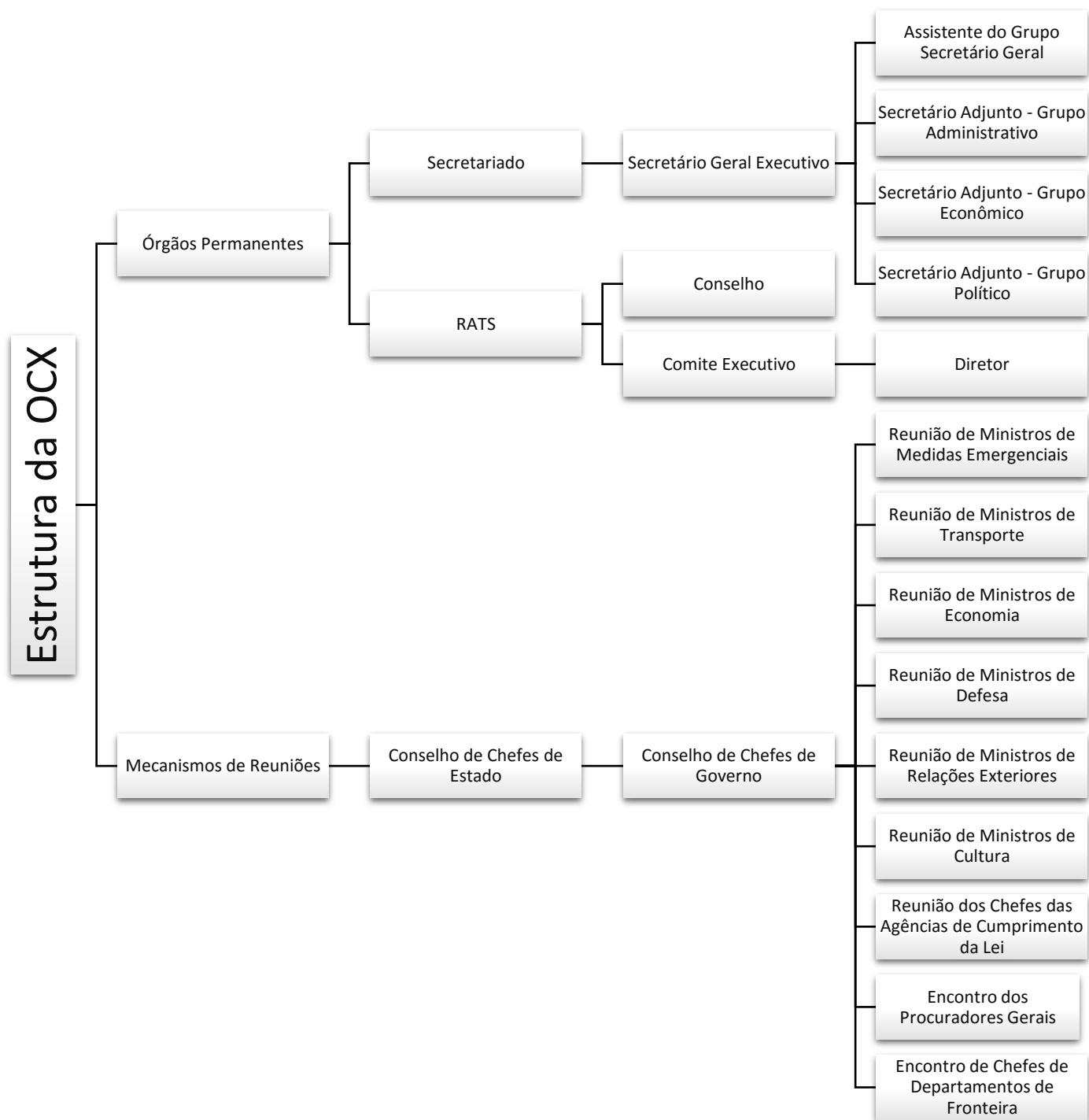


Figura 17 – Estrutura da Organização de Cooperação de Xangai. Fonte: Modificado de KAVALSKI, Emilian, (2010. P.140).

ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO DE XANGAI

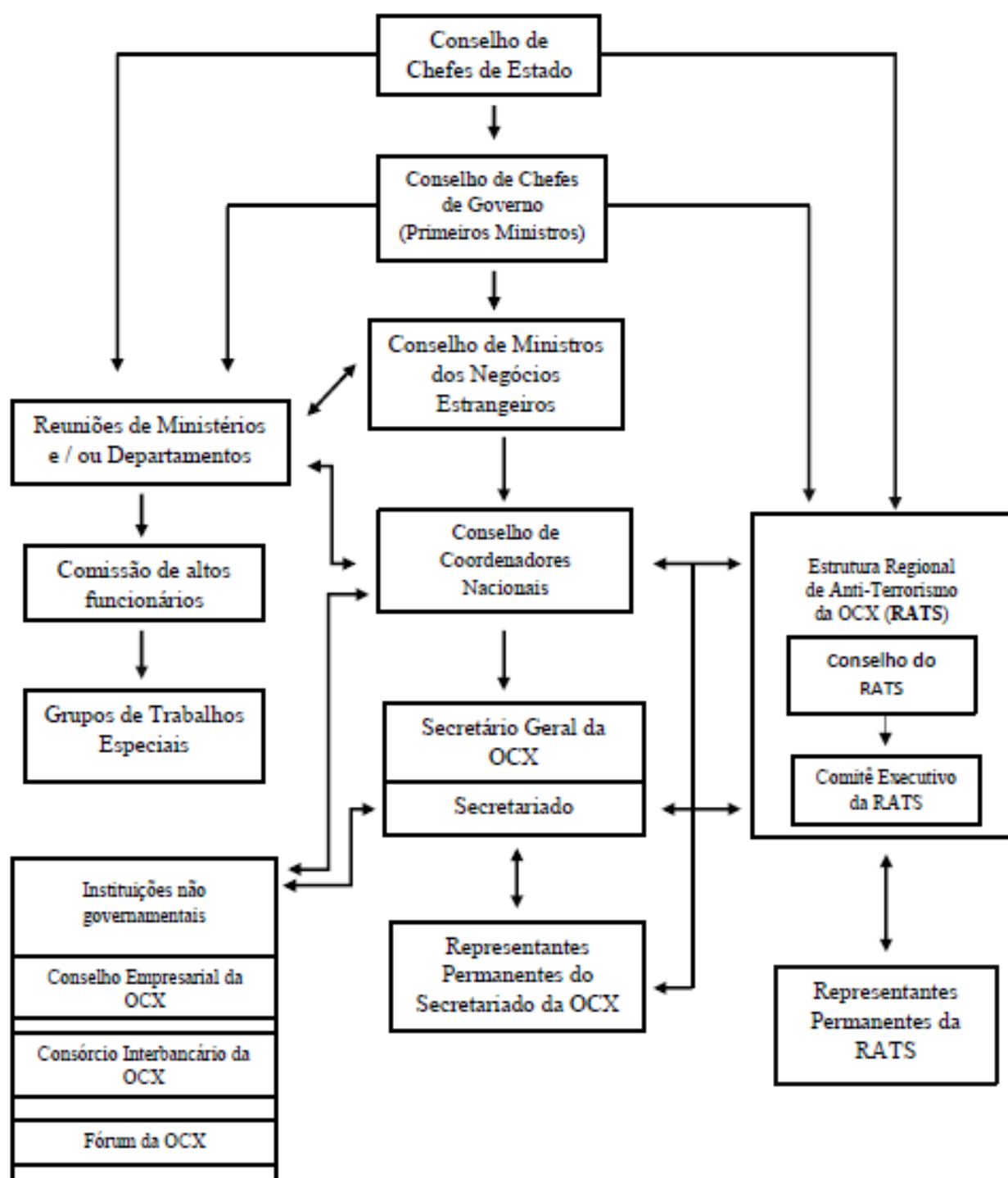


Figura 18 – Organograma da Organização de Cooperação de Xangai. Fonte: Modificado ARIS, Stephen. 2009. (P. 475).

O RATS encontra-se dentro do Corpo Permanente e conta com duas ramificações, o Conselho e o Comité Executivo. Os Órgãos Permanentes se ramificam (Figura 17) no

Secretariado, inaugurada 2004 com sede em Pequim, e este, comanda o Secretário Geral Executivo. Os Mecanismos de Reuniões – ou seja, um conjunto de diálogos específicos - foram criados visando promover a “coordenação de esforços para a manutenção da paz e o reforço da segurança e da confiança na região” (Carta da OCX, 2002).

A Estrutura da OCX foi pensada para implementar com sucesso os objetivos da Carta da Organização. O Conselho de Chefes de Estado é o órgão supremo da organização e conta com uma reunião por ano presidida pelo chefe de Estado que organizar a reunião. Nele se determina prioridades, define-se as grandes áreas de atuação da organização, decide-se sobre questões fundamentais e comanda o funcionamento interno e a interação com outras Organizações Internacionais e/ou Estados⁴⁸. Além disso, este conselho pode decidir estabelecer outros órgãos da OCX, caso necessário.

Em seguida, tem-se o Conselho de Chefes de Governo (Figura 18), com uma reunião por ano em locais determinado por acordos prévios entre os Chefes de Governos dos Estados Membros. Este Conselho aprova o orçamento da organização e considera (decide) sobre questões relacionadas às esferas de interações específicas, em especial as econômicas⁴⁹

O Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros, se encarrega de considerar questões relacionadas às atividades diárias da organização, elaborar reuniões dos Conselhos citados anteriormente e realizar consultas sobre possíveis problemas internacionais da organização. Este Conselho se reúne, geralmente, um mês antes da reunião do Conselho de Chefes de Estado, podendo haver reuniões extraordinárias, desde que, sejam convocadas por no mínimo dois Estados Membros da Organização e tendo a aprovação de todos os ministros das Relações Exteriores dos outros Estados membros.

As Reuniões de Chefes de Ministérios e/ou Agências, tem como responsabilidade realizar regularmente reuniões para considerar questões específicas de interação nos respectivos campos dentro da OCX⁵⁰. Já o Conselho de Coordenadores Nacionais, com pelo menos três reuniões anuais, é o órgão que coordena e dirige as atividades diárias da organização, onde os coordenadores nacionais são nomeados por cada Estado membro de acordo com as regras e procedimentos internos.

Outra estrutura dentro da OCX é o seu Secretariado. O Secretariado, com sede em Pequim, China, é o órgão executivo permanente principal da organização, ele coordena as atividades e fornece suporte informativo, analítico, jurídico, organizacional e técnico para a

⁴⁸ Structure of the Shanghai Cooperation Organisation. Fonte: <http://eng.sectsc.org/structure/#6>. Acessado em 02/10/17.

⁴⁹ Ibidem.

⁵⁰ Ibidem.

organização. Este, promove a assistência mútua entre os funcionários e fornece suporte através de um sistema administrativo estável. Esta secretaria é coordenada pelo Secretário Geral, que é nomeado pelo Conselho de Ministros das Relações Exteriores e aprovado pelo Conselho de Chefes de Estado.

Em relação ao processo de tomadas de decisões, os órgãos da OCX devem tomar as decisões por meio de consenso, ou seja, através de acordos, sem votos e as decisões serão adotadas se nenhum membro fizer objeções. Este processo apresenta exceções em relação às decisões de suspensão de participação ou expulsão de algum membro da organização. Caso alguns Estados não estejam interessados em implementar algum projeto e não compareçam a reunião, sua ausência não implica na não implementação do projeto.

A respeito da iniciativa de promover um ambiente de segurança, a OCX conta com a Estrutura de Antiterrorismo (RATS), um acordo de segurança multilateral que estabelece compromissos de segurança precisos, como mencionado anteriormente, ramifica-se no Conselho e o Comité Executivo. A RATS, localizada em Bishkek, Quirguistão, é um órgão permanente da organização e tem como principais objetivos e funções:

1. Manter relações de trabalho com instituições competentes dos Estados membros e organizações internacionais que abordam questões de combate ao terrorismo, separatismo e extremismo;
2. Assistência na interação entre os Estados membros na preparação e realização de exercícios de combate ao terrorismo a pedido dos Estados membros interessados, preparação e condução de operações de busca e outras atividades no campo da luta contra o terrorismo, o separatismo e o extremismo;
3. elaboração conjunta de documentos jurídicos internacionais relativos à luta contra o terrorismo, o separatismo e o extremismo;
4. Recolha e análise de informações que chegam aos RATS dos Estados membros, formação e preenchimento do banco de dados RATS;
5. Formação conjunta de um sistema de resposta efetiva aos desafios e ameaças globais;
6. Preparação e realização de conferências e workshops científicos, assistência na partilha de experiências no campo da luta contra o terrorismo, o separatismo e o extremismo⁵¹.

⁵¹ No original: 1. Maintaining working relations with competent institutions of the member states and international organisations tackling issues of fighting terrorism, separatism and extremism;
2. Assistance in interaction among the member states in preparation and staging of counter-terrorism exercises at the request of concerned member states, preparation and conduct of search operations and other activities in the field of fighting terrorism, separatism and extremism;
3. Joint drafting of international legal documents concerning the fight against terrorism, separatism and extremism;
4. Gathering and analysis of information coming to the RATS from the member states, formation and filling of RATS data bank;
5. Joint formation of a system of effective response to global challenges and threats;

(Structure of the Shanghai Cooperation Organisation- Regional Anti-Terrorist Structure)⁵².

O atual Diretor do Comitê Executivo da RATS é Yevgeny Sysoyev (Rússia). A Estrutura entrou em operação em 2003, coordena as ações não-militares relevantes para abordar as ameaças comuns de segurança e seu surgimento demonstra o reconhecimento, por parte dos Estados membros da OCX, de que o terrorismo é uma questão importante na Ásia Central e que exige uma resposta conjunta, regional (ARIS, 2009). A RATS representa uma tentativa de criar uma câmara de informações e inteligência sobre atores identificados como ameaça à segurança da região, um Estado ou uma zona dentro do território da OCX (ibidem).

Aris (2009) diz que o defeito da RATS é que esta não constitui uma subdivisão paramilitar e depende dos governos dos Estados membros para aprovar qualquer desenvolvimento de seus trabalhos. Isso acaba inibindo, de certa forma, a velocidade e alcance das atividades exercidas pela Estrutura.

Apesar do interesse comum dos Estados membros da SCO em fortalecer a segurança regional, a organização, como a CSTO, permaneceu passiva e ineficaz em momentos de grave ameaça. Por exemplo, pouco da capacidade operacional da SCO estava em evidência durante os ataques terroristas que atingiram a região em 2004 (Tashkent, Bukhara) e 2005 (Andijan), nem na escalada de ação militar no Afeganistão contra a Al Qaeda, nem na ascensão do extremismo islâmico e do separatismo em toda a região da OCX (incluindo o terrorismo na Rússia e na China). (ARIS, 2009. P. 471 e 472)⁵³.

Mas, “apesar de tais limitações, [a organização] conseguiu resultados tangíveis na criação de uma abordagem regional de segurança” (ARIS, 2009. P. 470). Alguns exemplos disso, é que, segundo o ex-diretor executivo da RATS, Vyacheslav Kasymov, mais de 250 ataques terroristas foram antecipados nos Estados membros da OCX no ano de 2005 e a

6. Preparation and holding of scientific conferences and workshops, assistance in sharing experience in the field of fighting terrorism, separatism and extremism.

⁵² Structure of the Shanghai Cooperation Organisation- Regional Anti-Terrorist Structure. Disponível em: <http://eng.sectesco.org/structure/#6>. Acessado em 06/10/17.

⁵³ No original: Despite the common interest of the SCO member states in strengthening regional security, the organisation has, as with the CSTO, remained passive and ineffective at moments of severe threat. For example, little of the SCO's operational capacity was in evidence during the terrorist attacks that struck the region in 2004 (Tashkent, Bukhara) and 2005 (Andijan), nor in the escalation of military action in Afghanistan against al Qaeda, nor in the rise of Islamic extremism and separatism in the entire SCO region (including terrorism in Russia and China).

Estrutura conseguiu obter um certo nível de redução nas tensões em relação à Chechênia e Xinjiang (ibidem).

Apesar de suas limitações, a RATS apresenta consideráveis características positivas que fazem com que seu trabalho avance cada vez mais. Um exemplo disso seria o fato de que a Estrutura não parece ser afetada pela rivalidade geopolítica entre seus membros (como foi mostrado no início deste capítulo) e, parece envolver-se em exercícios militares que podem ser valiosos para o antiterrorismo no futuro (ibidem).

Desde o seu início, a OCX sofreu evoluções ao longo dos anos e significativas transformações, tornando-se uma organização influente não só na região da Ásia Central, mas como também na Eurásia e para o Ocidente. Conseguir assegurar e fortalecer a segurança e cooperação militar dos membros da organização é uma tarefa importante dentro da OCX, mas, com o tempo, deixou de ser a tarefa principal. Outros focos passaram a serem incluídos de acordo com a expansão da organização, como a promoção da confiança, amizade – através de projetos econômicos e culturais – e paz na região e ações contra novas ameaças, das quais a ameaça terrorista ocupa o primeiro lugar (BAIZAKOVA, 2013).

A OCX evoluiu nos últimos dez anos como uma organização funcionalista de sucesso que apresentou abordagens de resolução de problemas para as questões de fronteiras, segurança (aqui definida como terrorismo, separatismo e extremismo) e a construção de confiança. Uma vez alcançado o progresso nessas áreas, a OCX avançou com seus estados membros na tentativa de identificar novos objetivos e áreas de cooperação. O desenvolvimento da cooperação econômica ao longo das linhas de expansão das redes de transporte e de oleodutos, bem como a expansão das relações comerciais é uma tarefa que ocupa um lugar privilegiado na agenda dos Estados membros da organização. (DADABAEV, 2014. P.117)⁵⁴.

Apesar da OCX ser uma organização relativamente jovem e contar com realizações predominantemente estruturais e organizacionais, a cooperação em segurança, através dos exercícios antiterroristas conjuntos, ajuda a promover ainda mais a construção do sentimento de confiança entre os Estados membros e os une em torno da necessidade de combater as ameaças que o terrorismo transnacional representa (MCDERMOTT, 2012).

⁵⁴ No original: The SCO has evolved over the last ten years as a successful functionalist organisation that first put forward problem-solving approaches to the issues of borders, security (defined here as terrorism, separatism and extremism) and confidence building. Once progress in these areas was achieved, the SCO moved further with its member states in an attempt to identify new goals and areas of cooperation. The development of economic cooperation along the lines of expanding pipeline and transportation networks as well as expanding trade relationships is a task that ranks high on the agenda of member states of the organisation.

“A cooperação político-militar depende do fortalecimento da confiança na arena militar e está estreitamente interligada com questões de segurança regional na Ásia Central” (BAIZAKOVA, 2013. P. 68).

As questões sobre segurança regional já ocupavam as mentes dos Estados do Cazaquistão, China, Quirguistão, Rússia, Tajiquistão e Uzbequistão desde o processo do Shanghai Five (como foi abordado nas sessões anteriores). Desde o início, um dos principais objetivos da OCX foi a luta contra o terrorismo, o separatismo e o extremismo (ibidem).

Em 2001, os Estados membros da OCX assinaram a Convenção sobre a Luta contra o Terrorismo, o Separatismo e o Extremismo. Nesta convenção os Estados assumiram que diante da consciência de que o terrorismo, o separatismo e o extremismo constituem uma forte ameaça para a paz e a segurança internacionais, se faz necessário a promoção de relações amigáveis, bem como o desenvolvimento dos direitos humanos e das liberdades fundamentais⁵⁵.

Neste documento, os Estados assumem que tais fenômenos constituem uma séria ameaça à integridade territorial e à segurança de tais. Nele, são acordados 21 Artigos em que as Partes assinantes se comprometem a cooperar no domínio da prevenção, identificação e supressão dos atos de terrorismo, extremismo e separatismo. No primeiro Artigo da Convenção, a organização define o que significa terrorismo, separatismo e extremismo. O primeiro como sendo:

qualquer outro ato destinado a causar morte ou lesões corporais graves a um civil, ou qualquer outra pessoa que não participe ativamente das hostilidades em uma situação de conflito armado ou que cause grandes danos a qualquer instalação material, bem como para organizar, planejar, ajudar e promover esse ato, quando o objetivo de tal ação, por sua natureza ou contexto, é intimidar a população, violar a segurança pública ou obrigar as autoridades públicas ou uma organização internacional a fazer ou abster-se de fazer qualquer ato e processar em conformidade com as leis nacionais das Partes. (The Shanghai Convention on Combating Terrorism, Separatism and Extremism. 2001. P. 01 e 02)⁵⁶.

⁵⁵ The Shanghai Convention on Combating Terrorism, Separatism and Extremism. Disponível em < <http://eng.sectesco.org/documents/> >. Acessado em 05/10/17.

⁵⁶ No original: any other act intended to cause death or serious bodily injury to a civilian, or any other person not taking an active part in the hostilities in a situation of armed conflict or to cause major damage to any material facility, as well as to organize, plan, aid and abet such act, when the purpose of such act, by its nature or context, is to intimidate population, violate public security or compel public authorities or an international organization to do or to abstain from doing any act, and prosecuted in accordance with the national laws of the Parties;

O Documento coloca como Separatismo, qualquer ato que seja designado a “violar a integridade territorial de um Estado, inclusive por anexação de qualquer parte do seu território ou desintegrar um Estado de forma violenta, bem como planejar e preparar, auxiliar e incentivar esse ato” (ibidem). E por fim, Extremismo como sendo qualquer ação destinada a vingar-se violentamente, manter o poder ou mudar de forma radical o sistema constitucional de um determinado Estado. É incluído ainda, invasões violentas contra a segurança pública, “incluindo a organização, para os fins acima mencionados, de formações armadas ilegais” (ibidem).

Ainda em 2001, todo esse cenário levou a OCX a criar a chamada Estrutura Antiterrorista Regional (Anti-Terrorist Structure – RATS). Esta constitui-se como um órgão permanente destinado a facilitar e coordenação a interação entre as agências responsáveis por abordar tais tarefas, além de, facilitar a realização de exercícios antiterroristas conjuntos (BAIZAKOVA, 2013). O objetivo da OCX com a RATS era o de criar um sistema que respondesse de forma eficiente aos riscos e desafios da nova realidade internacional (pós 11 de setembro).

Segundo o Acordo da Estrutura Regional Antiterrorista Entre Os Estados Membros Da Organização De Cooperação De Xangai (2002)⁵⁷, o RATS surge do reconhecimento, por parte da organização, de que o tido três males⁵⁸ constituem uma forte ameaça à paz, segurança internacionais e ao desenvolvimento de relações amigáveis entre os Estados membros. A organização acredita que o RATS seja um mecanismo necessário para garantir a integridade territorial, a segurança e a estabilidade das partes envolvidas.

A RATS, localizada na cidade de Tashkent, no Uzbequistão, foi designado como corpo permanente na OCX e, com o estatuto de pessoa jurídica, tem o direito de celebrar contratos, adquirir propriedades, abrir contas em qualquer moeda e processar, judicialmente, processos jurídicos (ibidem). Além disso, alguns dos principais objetivos e funções da RATS são desenvolver propostas e recomendações sobre o fortalecimento da cooperação ao combate dos três males; criar e manter um banco de dados sobre organizações terroristas internacionais, separatistas e outras organizações extremistas – sobre sua estrutura, líderes, fontes, canais de financiamento, pessoas envolvidas e membros -; auxiliar na preparação e realização de exercícios antiterroristas – com o

⁵⁷ Agreement on Regional Anti-Terrorist Structure between the Member States of the Shanghai Cooperation Organization. Fonte: < <http://eng.sectsc.org/documents/>>. 2002.

⁵⁸ Terrorismo, Separatismo e Extremismo.

peçoal e comando operacional e tático -; auxiliar na formação de especialistas e instrutores para unidades antiterroristas, entre outros (ibidem).

Dentro da estrutura da Organização e a sua interação com agências governamentais nacionais, fica claro que a organização possui capacidade de coordenar um nível de cooperação multilateral contra os tais males. O que Mcdermott (2012) questiona sobre a OCX, porém, é que apesar da estrutura ter mostrado avanços no sentido de atingir certo nível de cooperação em segurança - ao encorajar os Estados membros a alterarem suas legislações para permitir a movimentação de tropas em seus territórios e a prática de treinamentos em pequena escala junto com estância de exercícios -, a organização mostra pouca capacidade de supervisionar o gerenciamento de crises ou formar uma força multinacional, pronta para ser colocada em prática, durante uma crise real em alguns dos territórios dos Estados membros.

O Cazaquistão, por exemplo, só ratifica a Convenção Antiterrorismo da OCX no ano de 2010, quando o vice-presidente do Conselho Nacional de Segurança do Cazaquistão explicou que o país somente aderiu a convenção quando se certificou de que a mesma possui uma compreensão sociopolítica do terrorismo, estabelece os limites da sua jurisdição e mantém normas relativas à proteção da soberania (MCDERMOTT, 2012).

Em 2009, os Estados Membros da OCX se reuniram na cidade de Ecaterimburgo, Rússia, e fecharam o chamado “Acordo Sobre Cooperação Para Assegurar A Segurança Internacional Da Informação Entre Os Estados Membros Da Organização De Cooperação De Xangai⁵⁹”. Neste acordo, as partes participantes, reconheceram que o progresso significativo do desenvolvimento de novas tecnologias e ferramentas e informação tem moldado as formas como as ameaças transnacionais se apresentam – ameaças como o Cibercrime/terrorismo, o desenvolvimento e aplicação de armas de informação (guerra de informação⁶⁰), divulgação de informações prejudiciais aos sistemas sócio-políticos e socioeconômicos de outros Estados e ameaças para o funcionamento seguro e estável das infraestruturas de informação globais e nacionais.

Diante de novos tipos de ameaças, este acordo, visou assegurar a cooperação para a segurança internacional da informação através das seguintes meios. Através da

⁵⁹ Disponível em < <http://eng.sectesco.org/documents/>>. Acessado em 09/10/17.

⁶⁰ “‘Guerra da informação’ significa um confronto entre dois ou mais estados no espaço da informação com o objetivo de danificar sistemas de informação, processos e recursos, criticamente importantes e outras estruturas, prejudicando sistemas políticos, econômicos e sociais, manipulando psicologicamente massas da população para desestabilizar a sociedade e o Estado, e também forçando o Estado a tomar decisões no interesse do opositor”. Acordo sobre Cooperação para assegurar a segurança internacional da informação entre os Estados membros da Organização de Cooperação de Xangai, 2009. P. 9.

definição, implementação e coordenação de medidas conjuntas necessárias para a garantia da segurança internacional. Com a criação de um sistema de monitoramento conjunto, com respostas, à possíveis ameaças neste campo. Elaborando medidas conjuntas, entre os Estados membros, para desenvolver disposições de leis internacionais que limitem a disseminação de armas de informação⁶¹, combatendo o cibercrime/terrorismo, entre outras ações.

Nesta mesma ocasião, os Estados membros da OCX realizaram também uma “Convenção da Organização de Cooperação de Shanghai contra o Terrorismo⁶²”. Nesta convenção, preocupados com a crescente escalada do terrorismo transnacional e buscando a ampliação dos esforços antiterroristas, os Estados visavam aumentar a eficiência da cooperação neste campo. Os Estados acordaram que tendência para a multipolaridade se tornou algo irreversível dentro do sistema internacional, tornando assim, a organização em um instrumento básico eficiente para abordar e enfrentar novos desafios e ameaças.

Reafirmando o seu compromisso com o desenvolvimento coletivo com base nos princípios e disposições da Carta da Organização de Cooperação de Xangai e do Tratado sobre Relações de Boa Vizinhaça a Longo Prazo, Amizade e Cooperação entre os Estados membros da OCX, os Estados membros da SCO consideram, como uma prioridade, as tarefas de manter o diálogo construtivo e o aprofundamento de uma estreita cooperação e parceria para buscar formas eficazes de resolução de problemas globais e regionais, aproveitando o crescente potencial do SCO e o prestígio internacional⁶³. (Declaração de Ecaterimburgo pelos Chefes dos Estados Membros da Organização de Cooperação de Xangai, 2009. P. 01)⁶⁴.

Já em 2010, outro passo é tomado em relação à luta contra os três males estabelecidos na Carta da Organização. Neste ano, a RATS “assinou um protocolo de cooperação com o Centro Regional de Informação e Coordenação da Ásia Central para a Luta contra o Tráfico Ilícito de Drogas, Substâncias Psicotrópicas e Precursores” (MCDERMOTT,

⁶¹ Armas de informação – “tecnologias da informação, ferramentas e métodos utilizados para fins de guerra de informações” (ibidem).

⁶² Disponível em < <http://eng.sectesco.org/documents/>>. Acessado em 09/10/17.

⁶³ No original: Reaffirming their commitment to collective development on the basis of the principles and provisions of the Charter of the Shanghai Cooperation Organization and the Treaty on Long-Term Good-Neighborly Relations, Friendship and Cooperation among the SCO Member States, the SCO member states consider, as a priority, the tasks of maintaining constructive dialogue and deepening close cooperation and partnership to jointly seek effective ways of resolving global and regional problems, tapping the SCO growing potential and international prestige.

⁶⁴ Disponível em < <http://eng.sectesco.org/documents/>>.

2012. P. 58), onde este documento forneceu uma forte base para a ampliação da cooperação antiterrorista, visando incluir a meta de fundos para organizações terroristas criadas através do tráfico de drogas (ibidem).

Desde a criação da RATS, a Organização de Cooperação de Xangai vem realizando uma série de exercícios militares, tanto em âmbitos bilaterais como multilaterais. Em 2002/2003, foram realizados exercícios antiterrorista que envolveram cerca de mil militares da China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão e Tajiquistão. Estes exercícios foram iniciados em Usharal, no Cazaquistão e concluído em território chinês. Outros exercícios antiterroristas realizados ocorreram em 2006 e 2011, onde China e o Cazaquistão conduziram o primeiro bilateralmente e, o segundo foi conduzido também pelo governo chinês, juntamente do Quirguistão e o Tajiquistão em Kashgar na região autônoma do Xinjiang Uygur (MCDERMOTT, 2012).

Além dos exercícios militares, a OCX realizou também algumas Peace Missions.

As Missões da Paz de 2005 e 2009 envolveram apenas forças do PLA [People's Liberation Army⁶⁵] e das forças armadas russas. O primeiro deles, em agosto de 2005, realizado na Rússia (Vladivostok) e na China (província de Shandong e no Mar Amarelo), viu a participação de dez mil militares, enquanto o exercício em 2009 (encenado na província de Jilin e Khabarovsk) foi reduzido para apenas 65 mil, possivelmente em resposta a algum impacto da crise financeira global. No entanto, o primeiro exercício da Missão da Paz envolvendo forças de todos os membros da OCX foi realizado em Urumqi e Chelyabinsk em agosto de 2007, com uma força combinada de sessenta e cinco mil. O Cazaquistão acolheu a Missão da Paz 2010, quebrando o padrão bianual desses exercícios, com a participação de cinco membros da OCX (o Uzbequistão se recusou a enviar forças). (MCDERMOTT, 2012. P. 62)⁶⁶.

Em junho de 2012, a Organização de Cooperação de Xangai, através do comando antiterrorista realizou manobras de treinamentos da equipe 'Missão pacífica – 2012' para as forças militares dos Estados membros. A fase operacional de tal missão foi realizada no campo de tiro Chorukh-Dayron dentro da província de Sogdiyskaya, no Tajiquistão.

⁶⁵ Corresponde às forças militares chinesas.

⁶⁶ No original: Peace Mission 2005 and 2009 involved only forces from the PLA and the Russian armed forces. The first of these in August 2005, staged in Russia (Vladivostok) and China (Shandong province and the Yellow Sea), saw the participation of ten thousand military personnel, whereas the exercise in 2009 (staged in Jilin province and Khabarovsk) was scaled back to only twenty-six hundred, possibly in response to some impact of the global financial crisis. However, the first Peace Mission exercise involving forces from all SCO members was held in Urumqi and Cheliabinsk in August 2007, with a combined force strength of sixty-five hundred. Kazakhstan hosted Peace Mission 2010, breaking the biannual pattern of these exercises, with the participation of five SCO members (Uzbekistan refused to send any forces).

As manobras utilizadas envolveram mais de duas mil divisões militares das forças terrestres e mais de 500 unidades de equipamentos militares e aeronaves do Cazaquistão, China, República da Kyrgiz, Rússia e Tajiquistão⁶⁷ e foram completadas êxito na realização dos objetivos propostos pela organização.

As divisões da coalizão completaram com êxito os objetivos estabelecidos. O objetivo geral das manobras de treinamento foi alcançado, ou seja, o algoritmo da operação dos órgãos da administração militar dos Estados membros da SCO foi melhorado com base na missão antiterrorista de sinergia nas montanhas. As atividades de treinamento foram observadas pelo Presidente do Tajiquistão, Ministros da Defesa e delegações que representam os Ministérios Nacionais da Defesa do Cazaquistão, China, Quirguistão, Rússia, Tajiquistão, Representante do Secretário e Comitê Executivo da SCO RATS. (The Regional Anti-Terrorist Structure of Shanghai Cooperation Organization (RATS SCO) - Coordination Activities).

Já em 2013, foram realizadas manobras conjuntas de treinamento contraterrorismo com a participação das delegações competentes da OCX, como o Secretariado, a RATS, a Comissão de Execução, o Ministério da Defesa, o Ministério do Interior e Ministério da Emergência e Defesa Civil do Cazaquistão. Tais manobras contaram com a observação ainda de representantes da CEI (Comunidade dos Estados Independentes), das Nações Unidas, da OSCE (Organização para a Segurança e Cooperação na Europa), das embaixadas dos Estados Unidos da América, França, Itália, Irã, Afeganistão e Índia.

Este exercício tinha como principais objetivos manobras de comando e treinamento de pessoal que incluíam a coordenação e práticas de questões consideradas chaves sobre a interação entre os participantes do treinamento, verificação da eficiência e da eficácia dos sistemas de informações e alertas em situações de crise que sejam causadas por ataques terroristas, o aumento da capacidade de combate das forças militares dos países envolvidos e o intercâmbio de experiências e o fortalecimento da cooperação sobre o combate ao terrorismo internacional.

Como resultado das manobras de treinamento (...) o comando e o pessoal das estruturas forçadas dos Estados membros melhoraram suas capacidades no planejamento, preparação e realização de operações especiais para prevenir possíveis ataques terroristas, identificação e supressão de atividades por grupos terroristas, atividades de lançamento e

⁶⁷ The Regional Anti-Terrorist Structure of Shanghai Cooperation Organization (RATS SCO) - Coordination Activities. Disponível em < <http://ecrats.org/en/news/activity/coordination/>>. Acessado em 16/11/17.

Ainda em 2013 foram realizados também exercícios antiterroristas combinados (Combined Border Activity – 2013), no território fronteiro entre a China e o Cazaquistão. Tais exercícios, entre ambos departamentos fronteiriços, foram realizados na linha de comando combinado e examinou pontos de entrada, apreensão de fronteiras e uma preparação completa para a luta contra possíveis ameaças terroristas. Observaram a realização deste exercício os representantes do Cazaquistão, Rússia, Tajiquistão, Uzbequistão e outros membros da OCX (incluindo alguns membros observadores como Índia e Irã), além dos representantes do Comitê Executivo da Estrutura Antiterrorista Regional da organização⁶⁹.

Segundo o então diretor do Comitê Executivo da RATS, Zhang Sinfeng, tais exercícios são uma iniciativa importante dentro da cooperação fronteiriça e nos objetivos de mudanças das situações relacionadas à segurança regional já que fortalecem as forças atuantes em tais situações priorizando a prevenção e a supressão dos “três males” e outras forças criminais da região, como a luta contra as atividades ilegais, por exemplo.

A OCX estabeleceu-se, com o decorrer dos anos, como uma plataforma sólida para o fortalecimento da compreensão mútua, diálogo, confiança e da igualdade das parcerias entre os seus Estados membros. O OCX está se tornando um participante influente do moderno sistema de relações internacionais e contribui, de forma significativa, para a manutenção da segurança e estabilidade na região da Ásia Central⁷⁰.

Quando, em seu início, os cinco chefes de estado se reuniram pela primeira vez em Xangai, a agenda era de certa forma limitada para desenvolver algumas medidas, que incluíam o fortalecimento da confiança e aumento da segurança nas áreas fronteiriças. Dada a complexidade dos desafios e a escala dos problemas enfrentados pelos Estados membros, os membros do Shanghai Five notaram a necessidade de marcar um novo estágio nos esforços conjuntos (SAHAI, 2002). Os Estados membros estão convencidos de que a expansão da organização e o aprofundamento da cooperação com os Estados

⁶⁸ Disponível em: The Regional Anti-Terrorist Structure of Shanghai Cooperation Organization (RATS SCO) - Counterterrorist Trainings. < <http://ecrats.org/en/cooperation/anti-terror-training/2782> >. Acessado em 16/11/17.

⁶⁹ The Regional Anti-Terrorist Structure of Shanghai Cooperation Organization (RATS SCO). 2013. Disponível em <<http://ecrats.org/en/cooperation/anti-terror-training/2880>>. Acessado em 16/11/17.

⁷⁰ Ufa Declaration By the Heads of Member States of the Shanghai Cooperation Organization. 2015. Disponível em <<http://eng.sectsco.org/documents/>>. Acessado em 09/10/17.

observadores e parceiros de diálogo são de grande importância para o desenvolvimento e fortalecimento do potencial da organização⁷¹.

⁷¹ The Astana declaration of the Heads of State of the Shanghai Cooperation Organisation. 2017. Disponível em: <http://eng.sectsco.org/documents/>.

4. CONCLUSÃO

A Organização de Cooperação de Xangai foi uma tentativa coletiva regional bem-sucedida de gerar, através da cooperação, um ambiente regional mais securitizado e estável. Quando a Organização de Cooperação de Xangai surge, sua agenda era formada por objetivos diretos e, de certa forma, limitados a questões de cunho regional e de segurança – como o fortalecimento da confiança e aumento da segurança nas áreas fronteiriças. A organização buscou sempre fixar objetivos bem definidos de cooperação com prazos e recursos claramente atribuídos e cumpridos.

A busca pelo recurso da cooperação para lidar com assuntos de segurança regional é visto – tanto pelos atores internacionais como pela própria população destes países - como uma forma ética e mais eficaz de lidar com problemas comuns regionais. Mas, ao longo dos anos, os Estados Membros da OCX notaram a complexidade dos desafios e a escala dos problemas enfrentados dentro do sistema internacional e observaram a necessidade de ampliação de tal a agente para outros campos de atuação, como o econômico, social e cultural.

O terrorismo na região da Ásia Central como foi mostrado, não é algo novo. Esta região já sofria com incidentes terroristas muito antes que os países Ocidentais. A problemática do surgimento e aumento de células terroristas na Ásia Central acabou sendo estimulada, em certos aspectos, pela forte presença do tráfico de drogas e produtos ilícitos na região, onde o Afeganistão atua como um importante ator político e geoestratégico. Tais atividades ilícitas funcionam como financiadores de organizações e grupos terroristas.

Os avanços obtidos pela organização no combate ao terrorismo, extremismo e separatismo, através de suas medidas de contraterrorismo, seus exercícios militares e missões de paz foram significativos. Mas tais males não foram, porém, totalmente banidos da região e a própria organização assume que isto é algo improvável de acontecer, pelo menos nas próximas décadas. A OCX segue o caminho certo quando busca a expansão de seu escopo e aceita a inclusão de novos membros observadores.

Se o objetivo da organização é construir um ambiente regional pacífico e estável então ela precisa abranger suas áreas de atuação e aumentar o número de países parceiros. Além disso, apesar da região ser um ponto de convergência de interesses de diversas potências (entre elas os Estados Unidos), para resultados ainda mais significativos, a Estrutura de Anti-

Terrorismo Regional (RATS) precisa sair de seu casulo burocrático institucional e criar órgãos internos de trabalho de campo mais efetivos quanto ao combate dos três males regional.

REFERENCIAS

AKBARZADEH, Shahram. **Iran and the Shanghai Cooperation Organization: Ideology and Realpolitik in Iranian Foreign Policy**. Australian Journal of International Affairs, 2015. Vol. 69, No. 1, 88–103.

AKBARZADEH, Shahram. **Keeping Central Asia Stable**. Third World Quarterly, Vol. 25, No. 4, pp. 689–705, 2004.

ALBERT, Eleanor. “**The Xangai Cooperation Organization**”. Disponível em <<http://www.cfr.org/china/Xangai-cooperation-organization/p10883>>. October, 2015.

ALJUNIED, Syed Mohammed Ad’ha. **Countering Terrorism in Maritime Southeast Asia: Soft and Hard Power Approaches**. Journal of Asian and African Studies. 47(6) 652–665. 2011.

ARIS, Stephen. **The Shanghai Cooperation Organisation: ‘Tackling the Three Evils’. A Regional Response to Non-traditional Security Challenges or an Anti-Western Bloc?**. Europe-Asia Studies. Vol. 61, No. 3, May 2009, 457–482.

BAIZAKOVA, Kuralai I. **The Shanghai Cooperation Organization’s Role in Countering Threats and Challenges to Central Asian Regional Security**. Russian Politics and Law, vol. 51, no. 1, January–February 2013, pp. 59–79.

BAKKER, Edwin. **Repression, political violence and terrorismo. The case of Uzbekistan**. Helsinki Monitor 2006 no. 2. Páginas 108 a 118.

BAKKER, Edwin. **Forecasting Terrorism: The Need for a More Systematic Approach**. Journal of Strategic Security. Volume 5. Number 4. 2012. Article 10. Pg: 69-84.

BERMAN, Ilan. **The New Battleground: Central Asia and the Caucasus**. 2004. By The Center for Strategic and International Studies and the Massachusetts Institute of Technology. The Washington Quarterly - 28:1 pp. 59–69.

BUMBIERIS, João Victor Scherrer. **Espírito de Xangai: Potencialidades e Limites do Concerto Sino-Russo na Ásia Central**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Instituto de Relações Internacionais. Brasília, 2010.

BURES, Oldrich. **Informal counterterrorism arrangements in Europe: Beauty by variety or duplicity by abundance?** Cooperation and Conflict. 47(4) 495–518. 2012.

CASHABACK, David. **Risky Strategies? Putin’s Federal Reforms and the Accommodation of Difference in Russia**. Disponível em: <http://www.ecmi.de/fileadmin/downloads/publications/JEMIE/2003/nr3/Cashaback_Autonomy_final.pdf>

CENTRO DE ESTUDOS RUSSOS (CER). **Constituição da Federação da Rússia**. UnB, 2011. Disponível em: http://www.cer.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=225:constituicao-da-russia-em-portugues&catid=35:construssia&Itemid=63.

CHOWDHURY, Arjun. KREBS, Ronald R. **Talking about terror: Counterterrorist campaigns and the logic of representation**. European Journal of International Relations. 16(1) 125–150. 2010.

COLLINS, Kathleen. **Ideas, Networks, and Islamist Movements: Evidence from Central Asia and the Caucasus**. World Politics, Vol. 60, No. 1 (Oct., 2007), pp. 64-96. Oct., 2007), pp. 64-96. Published by: Cambridge University Press.

CORTE, Luis de la. **“Explaining Terrorism: A Psychosocial Approach”**. Universidad Autónoma de Madrid (2006).

COSTA, Frederico Carlos de Sá, WUNDER, Rodrigo Setubal. **Guerra ao Terror: Aspectos ideológicos do Contraterrorismo**. AURORA ano V número 7. Janeiro de 2011. Issn: 1982-8004.

COUNTRY STUDIES. **The Constitution and Government Structure**. Disponível em: <<http://countrystudies.us/russia/69.htm>>

DADABAEV, Timur. **Formation from the Perspective of the Central Asia States**. Journal of Contemporary China, 2014. Vol. 23, No. 85, 102–118.

DARLINGTON, Roger. **A short guide to the Russian Political System**. Disponível em: <<http://www.rogerdarlington.me.uk/Russianpoliticalsystem.html#Introduction>> Acesso em: 21/05/16.

DAVIS, Paul K. CRAGIN, Kim. **Social Science for Counterterrorism: Putting the Pieces Together**. Published 2009 by RAND Corporation.

DAVIS, Paul K. JENKINS, Brian Michael. **“Deterrence Influence in Counterterrorism: A Component in the War on al Qaeda”**. Published 2002 by RAND Corporation.

Diário da Liberdade: **11/9 e o insolucionável drama afegão** (2017). Disponível em: <https://gz.diarioliberalidade.org/mundo/item/190454-11-9-e-o-insolucionavel-drama-afegao11-9-e-o-insolucionavel-drama-afegao.html>. Acessado em 17/11/17.

Disponível em: The Regional Anti-Terrorist Structure of Shanghai Cooperation Organization (RATS SCO) - **Counterterrorist Trainings**. 2013. <<http://ecrats.org/en/cooperation/anti-terror-training/2782>>. Acessado em 16/11/17.

FAIR, C. Christine. **The Counterterror Coalitions: Cooperation with Pakistan and India**. Published 2004 by the RAND Corporation.

FIGUEIREDO, João Augusto Rodrigues Gomes. **Dinâmicas paralelas na política externa russa: estilos de liderança, relações pessoais e grupos de influência nas relações com a**

UE. e-Cadernos ces [Online], 2013. DOI: 10.4000/eces.1558. Disponível em: <http://eces.revues.org/1558>

FREIRE, Maria Raquel. **Política externa russa: as dimensões material e ideacional nas palavras e nas ações.** < <https://eces.revues.org/1554>>

GANCHENG, Zhao. **China–Russia–India Trilateral Relations: Realities and Prospects.** CHINA REPORT 45:2 (2009): 127–133. SAGE Publications Los Angeles. London. New Delhi. Singapore. Washington DC. DOI: 10.1177/000944550904500203.

GERMANOVICH, Gene. “**The Xangai Cooperation Organization: A Threat to American Interests in Central Asia?**”. China and Eurasia Forum Quarterly, Volume 6, No. 1 (2008) p. 19-38. Central Asia-Caucasus Institute & Silk Road Studies Program ISSN: 1653-4212.

Global Terrorism Database. Disponível em < <http://www.start.umd.edu/gtd/>>. Acessado em 16/11/17.

GREGOR, BRUCE. **Definition Of Terrorism Social and Political Effects.** Journal Of Military and Veteran’s Health. Volume 21, Number 2. May 2013.

Guia do Afeganistão. 2017. Disponível em: <http://www.afeganistao.net/>. Acessado em 17/11/17.

HAAS, Marcel. “**The ‘Peace Mission 2007’ Exercises: The Xangai Cooperation Organization Advances,**” Central Asian Series, Advanced Research and Assessment Group at the Defense Academy of the United Kingdom, September 2007

HOFFMAN, Bruce. **Re-thinking Terrorism In Light Of a War On Terrorism – A Testimony of Dr. Bruce Hoffman.** 2001.

HUYSMANS, Jef. TSOUKALA, Anastassia. **Introduction: The Social Construction and Control of Danger in Counterterrorism.** Alternatives 33 (2008), 133–137.

JENKINS, Brian M. **International Terrorism: a New Kind of Warfare.** The Rand Corporation, Santa Monica, California. 1974.

JENSEN, Thomas. **National Responses to Transnational Terrorism: Intelligence and Counterterrorism Provision.** Journal of Conflict Resolution. 2016, Vol. 60(3) 530-554.

JÚNIOR, Edson José Neves. **Morrer Pelo Paraíso. O Terrorismo Internacional Na Caxemira: Entre a Guerra por Procuração e o Jihadismo Instrumental. 1989-2009.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais. Porto Alegre. 2010.

KAPLAN, Jeffrey. **History and Terrorism.** The Journal of American History, Vol. 98, No. 1 (June 2011), pp. 101-105. Published by: Oxford University Press on behalf of Organization of American Historians.

KRYSHTANOVSKAYA, Olga; WHITE, Stephen. **Inside the Putin Court: A Research Note**. Europe-Asia Studies, 2005. pp.1065-1075. DOI: 10.1080/09668130500302830
LAL, Rollie. **Central Asia and its Asian neighbors: security and commerce at the crossroads**. Published 2006 by the RAND Corporation.

LAZZARI, Tiago Colombo. **A Política Externa Russa Do Início Do Século Xxi: Tendências E Perspectivas**. Disponível em:
<<http://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/18214>>

LEE, Ebon. **Central Asia's Balancing Act**. 2006. < <http://hir.harvard.edu/article/?a=911> >
Acessado em 28/09/17.

LEMPERT, Robert J. TRUJILLO, Horacio R. AARON, David. DEWAR, James A. BERRY, Sandra H. POPPER, Steven W. **“Comparing Alternative U.S. Counterterrorism Strategies Can Assumption-Based Planning Help Elevate the Debate?”**. The RAND Frederick S. Pardee Center. Published by the RAND Corporation.

MALIAPATRA, Debidatta Aurobinda. **The Chechen Issue: Russia's Case and International Terrorism**. India Quarterly, vol. 61, 1: P. 220-243, First Published Jan 1, 2005.

MCDERMOTT, Roger N. **The Shanghai Cooperation Organization's Impact on Central Asian Security: A View From Kazakhstan**. Problems of Post-Communism, vol. 59, no. 4, July–August 2012, pp. 56–65.

MINGJIANG, Song. **China-India-Russia Cooperation in Contemporary International Situation**. China Report 40:2 (2004). China Institute of International Studies, Beijing, PRC.

MORRAL, Andrew R. JACKSON, Brian A. **“Understanding the Role of Deterrence in Counterterrorism Security”**. Published by the RAND Corporation. 2009

NORICKS, Darcy. HELMUS, Tood C., PAUL, Christopher. BERREBI, Claude. JACKSON, Brian A. GVINERIA, Gaga. EGNER, Michael. BAHNEY, Benjamin. Editado por: DAVIS, Paul K. GRAGIN, Kim. **“Social Science for Counterterrorism Putting the Pieces Together”**. Published 2009 by the RAND Corporation.

NORLING, Nicklas. SWANSTRÖM, Niklas. **The Shanghai Cooperation Organization, trade, and the roles of Iran, India and Pakistan**. Central Asian Survey (September 2007) 26(3), 429–444.

OLCOTT, Martha Brill. **The War on Terrorism in Central Asia and the Cause of Democratic Reform**. 2003. EBSCO Publishing.

OLIKER, Olga. CRANE, Keith. SCHWARTZ, Lowell H. YUSUPOV, Catherine. **Russian Foreign Policy – Sources and Implications**. Published 2009 by the RAND Corporation.

OLIKER, Olga. SHLAPAK, David A. **U.S. Interests in Central Asia: Policy Priorities and Military Roles**. Published by the RAND Corporation. 2005.

OLIKER, Olga. SZAYNA, Thomas S. **Faultlines of Conflict: In Central Asia and the South Caucasus. Implications for the U.S. Army.** Published 2003 by Rand Cooperation.

OMELICHEVA, Mariya Y. **The Ethnic Dimension of Religious Extremism and Terrorism in Central Asia.** International Political Science Review. 31(2) 167–186. 2010.

PANT, Harsh V. **Feasibility of the Russia-China-India “Strategic Triangle.** INTERNATIONAL STUDIES 43, 1 (2006).

RABASA, Angel M. et al. BENARD, Cheryl. FAIR, Peter Chalk C. Christine. LAL, Theodore Karasik Rollie. LESSER, Ian. THALER, David. **The Muslim World After 09/11.** Published 2004 by the RAND Corporation.

REDING, Anaïs. GORP Anke Van. ROBERTSON Kate. WALCZAK Agnieszka. GIACOMANTONIO Chris. HOORENS Stijin. **Handling ethical problems in counterterrorism An inventory of methods to support ethical decisionmaking.** Rand Corporation. 2014.

REYES, Liana Eustacia. DINAR, Shlomi. **The Convergence of Terrorism and Transnational Crime in Central Asia.** Studies in Conflict & Terrorism, 38:380–393, 2015. Copyright: Taylor & Francis Group, LLC. ISSN: 1057-610X print / 1521-0731 online. DOI: 10.1080/1057610X.2014.995988.

RIBEIRO, Erik Herejk. **A Expansão da Organização para a Cooperação de Xangai (OCX): Uma Coalizão Anti-Hegemônica?.** I Seminário Internacional de Ciência Política. Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Porto Alegre | Setembro de 2015.

RICHARDSON, Louise. **What’s in a Name? When It Comes to Terrorism and Counterterrorism, a Great Deal.** Psychological Science In The Public Interest. Radcliffe Institute for Advanced Study, Harvard University. 2006. Volume 8. Number 3.

ROSENBACH, Eric. **The Incisive Fight: Recommendations for Improving Counterterrorism Intelligence.** The Annals Of The American Academy. AAPSS, 618, July 2008.

RUSSELL, J. **Terrorists, bandits, spooks and thieves: Russian demonisation of the Chechens before and since 9/11.** Third World Quarterly, Vol. 26, No. 1, pp.101-116. ISSN 1360-2241. (2005).

Russia and SCO to admit four new members, (2014). Disponível em: <https://defence.pk/pdf/threads/russia-and-sco-to-admit-four-new-members.328532/page-3>. Acessado em 16/11/17.

RUSSIAN INTERNATIONAL AFFAIRS COUNCIL. **What is RIAC?** General information. < http://russiancouncil.ru/en/about-us/what_is_riac/>

SAHAI, Kajari. **Declaration of the Shanghai Cooperation Organisation.** China Report 38:1. 2002. 129-132.

SAKWA, Richard. **Russian politics and society**. Routledge, 2008.

SANDLER, Todd. M, Daniel G. Arce. **Counterterrorism: A Game-Theoretic Analysis**. Journal Of Conflict Resolution, Vol. 49 No. 2, April 2005 183-200.

SANDLER, Todd. **Terrorism and Policy: Introduction**. Journal of Conflict Resolution. 2010. 54 (2) 203 – 213.

SCHUURMAN, Bart. EIJKMAN, Quirine. “**Moving Terrorism Research Forward: The Crucial Role of Primary Sources**”. ICCT Background Note. June 2013.

SHPUY, Oxana. **O sistema político russo: da transição a uma democracia dirigida?**. Universidade Fernando Pessoa. Porto, 2013.

SINAI, Joshua. **How to Define Terrorism**. Perspectives on Terrorism. Volume II, Issue 4. 2008.

SINOR, Denis. **Rediscovering Central Asia**. Diogenes 204: 7-19. ISSN 0392-1921. 2004.

SWAMI, Praveen. **Terrorism in Jammu and Kashmir in Theory and Practice**. India Review. Jul2003, Vol. 2 Issue 3, p55-88. 34p.

The Regional Anti-Terrorist Structure of Shanghai Cooperation Organization (RATS SCO). Disponível em < <http://ecrats.org/en/>>. Acessado em 16/09/17.

The Regional Anti-Terrorist Structure of Shanghai Cooperation Organization (RATS SCO) - **Coordination Activities**. Disponível em < <http://ecrats.org/en/news/activity/coordination/>>. Acessado em 16/11/17.

The Shangai Cooperation Organization. Disponível em < <http://eng.sectsko.org/>>. 16/09/17.

The Shangai Cooperation Organization. **Documents**. Disponível em < <http://eng.sectsko.org/documents/>>. Acessado em 16/11/17.

The Shangai Cooperation Organization. **Structure of the Shanghai Cooperation Organisation**. Disponível em < <http://eng.sectsko.org/structure/#6> >. Acessado em 16/11/17.